



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS COM
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**MÍDIA E MEMÓRIA DISCURSIVA: O ARQUÉTIPO CÔMICO DO
CORNO COMO PRÁTICA DE SUBJETIVAÇÃO
DA IDENTIDADE VIOLENTA**

HAIANY LARISA LEÔNCIO BEZERRA

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

HAIANY LARISA LEÔNCIO BEZERRA

**MÍDIA E MEMÓRIA DISCURSIVA: O ARQUÉTIPO CÔMICO DO
CORNO COMO PRÁTICA DE SUBJETIVAÇÃO
DA IDENTIDADE VIOLENTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574m Bezerra, Haiany Larisa Leôncio
Mídia e memória discursiva [manuscrito] : o arquétipo cômico
do cornu como prática de subjetivação da identidade violenta /
Haiany Larisa Leôncio Bezerra. - 2016.
59 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira,
Departamento de Letras e Artes".

1.Mídia. 2.Identidade. 3.Comicidade. 4.Violência. 5.Cornu.
I. Título.

21. ed. CDD 302.2

HAIANY LARISA LEÔNCIO BEZERRA

**MÍDIA E MEMÓRIA DISCURSIVA: O ARQUÉTIPO CÔMICO DO CORNO
COMO PRÁTICA DE SUBJETIVAÇÃO DA IDENTIDADE VIOLENTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 23,05,2016

BANCA EXAMINADORA

Tânia Maria Augusto Pereira

Prof.ª. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira - UEPB
(Orientadora)

Nota: 10,0

Alfredina Rosa Oliveira do Vale

Prof.ª. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale - UEPB
(Examinadora)

Nota: 10,0

Linduarte Pereira Rodrigues

Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues - UEPB
(Examinador)

Nota: 10,0

Média: 10,0

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela grandeza do seu amor na minha vida.

À Emanuel Alves dos Santos, meu amigo, meu companheiro de vida. Sua presença me faz ter a certeza de ir sempre além.

À Hunter Harras do Niwana, meu cachorro, meu filho, pela presença mais significativa.

À professora Dr. Tânia Maria Augusto Pereira, minha orientadora, cuja disponibilidade, confiança, simplicidade, profissionalismo e doçura me proporcionaram oportunidades de amadurecimento profissional. E por acreditar no meu potencial.

À professora Teresa Neuma Farias Campina, por oportunizar com tamanha paixão os primeiros passos na Análise do Discurso.

À professora Dr. Alfredina Rosa Oliveira do Vale e ao professor Dr. Linduarte Pereira Rodrigues, pela disponibilidade e contribuições na leitura do meu trabalho.

À Magliana Rodrigues da Silva, pela confiança e valiosa oportunidade de fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBIB), através do projeto Base Artística e Reflexiva (BAR).

À Faustino Moura Neto e Adalberto Teixeira Rodrigues, pela oportunidade de crescimento profissional no Pró-ENEM da UEPB.

Aos alunos do pró-ENEM, pela paciência e incentivo.

À Laudiceia Aguiar, pela oportunidade que mudou a história da minha vida.

À Romero Motta e Débora Costa, exemplos de idoneidade e profissionalismo, pela confiança e carinho.

Ao Palácio das Artes Suellen Carolini (PALASC), minha família, espaço em que construí meu caráter e minhas lembranças mais significativas, pela oportunidade de escolher os melhores caminhos.

À Bruna Santos, minha amiga e companheira de profissão, pela tessitura das linhas iniciais desta pesquisa, a partir do trabalho “O macho e o corno: formação discursiva e ideologia em Lisbela e o prisioneiro”. Por me despertar para a relevância dos estudos de gênero. Suas contribuições foram muito significativas para a construção dessa pesquisa.

À Gorette Andrade, minha amiga, pela cumplicidade e exemplo de persistência.

À Madson Diniz, Laecio Fernandes e Marco Rocha, meus amigos, companheiros de graduação e de vida, com quem dividi alguns dos melhores anos da minha existência. Memórias que ficarão para sempre. Pelos incentivos e exemplos que me fazem seguir.

À Universidade Estadual da Paraíba, pela viabilização da minha formação acadêmica.

RESUMO

O discurso midiático, alicerçado na instância da memória coletiva, permite entrever a circulação de imagens socialmente legitimadas que evidenciam valores culturais e fornecem um arquivo de práticas linguístico discursivas. Esse cenário configura, para o presente estudo, um construto profícuo que tece reflexões acerca dos processos de subjetivação na mídia, em articulação com a (re)produção de identidades. Nesse cenário, nossa pesquisa se debruça sobre a identidade do *cornio* na contemporaneidade a partir dos aspectos linguísticos e discursivos presentes nas notícias de jornais veiculados na internet. Para tanto, pretendemos verificar a construção da identidade cômico-violenta do *cornio* na mídia, buscamos refletir acerca do papel da mídia na construção do imaginário social em consonância com a constituição dos sujeitos discursivos. Nessa perspectiva, nosso objetivo geral é analisar os aspectos linguístico discursivos, presentes nas notícias de jornais veiculados na internet, que reverberam na construção de identidades do *cornio* na contemporaneidade. Sobre os objetivos específicos, pretendemos verificar o papel da mídia na espetacularização dos efeitos de sentido, como mecanismo (co)produtor e (re)produtor de identidades, bem como refletir acerca da construção midiática cômica do homem *cornio*, em articulação com os mecanismos da memória discursiva (MD), dos estudos culturais, de gênero e do humor, como aspectos que institucionalizam práticas concretas de violência. Partindo de tais pressupostos, mobilizamos saberes que discutem a configuração cômica do *cornio* como mecanismo de ridicularização e controle social que incita a reiteração da virilidade por intermédio da violência. O presente estudo está pautado na perspectiva qualitativa de incursão metodológica a partir das contribuições de Gregolin (2003a; 2003b; 2007), Orlandi (2005; 2007a; 2007b; 2013), Debord (1997), Bergson (1983), Propp (1992), Hall (2006a; 2006b), dentre outros. Diante do exposto, articulamos os conhecimentos da Análise do Discurso de linha francesa, dos Estudos Culturais, de Gênero e do Cômico, que evidenciaram a atuação dos mecanismos midiáticos como instrumentos (des)construtores e (re)produtores da identidade do *cornio*.

Palavras-chave: Mídia. Identidade. Comicidade. Violência. *Cornio*.

ABSTRACT

The digital age, nurtured by globalization, promotes the shortening of distances, territorial unification and a new scenario in communicational order. In this perspective, the media universe presides the constitution of the social imaginary and manages the subject's relation to the world. In the context of contemporary society, the capitalist model underlies the culture of spectacle and triggers power bodies that constitute the discursive subjects, interspersed with stereotypes, identities, in order to regulate the social construct. The media discourse, based on the instance of collective memory, allows a glimpse of the movement of legitimate social images that show cultural values and provide a file discursive linguistic practices. This scenario sets up, for this study, a useful construct that weaves reflections on the subjective processes in the media, in conjunction with the (re) production of identities. In this scenario, our research focuses on the identity of the horn in contemporary from the linguistic and discursive aspects present in newspaper reports appeared on the Internet. With the theoretical support of the analysis of the French tradition of discourse, this work, far from exhausting the issues that emerge, aims to draw less naive relations with the movements of power that underlie the discourse in the media, and the social construction of gender. Therefore, in order to verify the construction of the comic-violent identity of the horn in the media, we reflect about the media's role in building the social imaginary in line with the constitution of the discursive subject. Starting from these assumptions, we mobilize knowledge that discuss the comedic setting horn as ridicule mechanism and social control that encourages the reiteration of manhood through violence. This study is guided by the qualitative perspective of methodological incursion from the contributions of Gregolin (2003a; 2003b; 2007), Orlandi (2005; 2007a; 2007b; 2013), Debord (1997), Bergson (1983), Propp (1992), Hall (2006a; 2006b), among others. Given the above, we articulate the knowledge analysis of the French Discourse, Cultural Studies, Gender and Comical, which highlighted the role of media mechanisms as instruments builders and the horn identity of the producers. An archetype constituted culturally, based on oscillation between the comic and violent, and in essence reflects the hierarchical circuit of genres. A symbolic construction that drives by contempt generated through the comic, the ratification of the male-dominated order through demonstration of virility, or violence.

Keywords: Media. Identity. Drollery. Violence. Cuckold.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Corno corta os dois pés da esposa com facão”

Figura 2 – “Após suposta traição, homem arranca bunda da esposa com facão”

Figura 3 – “Ex-marido diz que matou estudante após ter sido chamado de corno”

Figura 4 – “Corno fica furioso, mas diz que ama a mulher”

Figura 5 – “Homem enforca a ex-mulher até a morte por ciúmes e em seguida tira a própria vida”

Figura 6 – “Solene corno: juiz nega pedido de indenização a marido traído”

Figura 7 – “Agricultor afirma ser corno, e diz que foi aconselhado a matar o amante de sua esposa”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1 CONSIDERAÇÕES DISCURSIVAS.....	16
1.1 Análise do discurso: um percurso histórico.....	16
1.2 Sujeito, sentido e memória discursiva.....	20

CAPÍTULO II

2 O DISCURSO MIDIÁTICO: A CULTURA DO ESPETÁCULO.....	25
2.1 A sociedade do espetáculo.....	25
2.2 (Re)produção de identidades na mídia e memória discursiva.....	31

CAPÍTULO III

3 GÊNERO, PODER E COMICIDADE.....	39
3.1 Virilidade e violência: supremacia, dominação e relações de poder.....	39
3.2 O arquétipo do <i>cornio</i> : um construto cômico-violento.....	46

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	57
--------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

No contexto da sociedade contemporânea, o processo de integração econômica, cultural, social e política, oportunizado pela globalização, promove o fenômeno da transcendência territorial e, portanto, agencia a generalização das fronteiras (HALL, 2006a). Nesse sentido, Bauman (1999a) evidencia que a celeridade instada pela indústria da comunicação articula as movências de uma nova ordem comunicacional, tendo em vista que os entraves espaciais perdem a significação. Na era digital, os meios de comunicação retratam e concedem legitimidade ao ideário da mundialização (FONSECA-SILVA, 2007a). De acordo com Gregolin (2003b), a lógica da sociedade capitalista busca definir limites, “disciplinarizar”. Nesse contexto, a máquina midiática emerge como instância que preside mecanismos de controle, gerencia a (re)produção e circulação de sentidos, e permite entrever um arquivo histórico. Isto posto, promove a constituição do imaginário social que constitui o engajamento do sujeito na trama dos sentidos, a entrada nas relações de poder (GREGOLIN, 2003b).

Segundo a autora, o universo midiático atua no controle de dispositivos de saber e poder que estruturam a interação social através da obediência aos aparelhos de normalização. Nesse sentido, Gregolin (2003a, p. 12) evidencia que como “motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos”. Assim, as instâncias de poder se coadunam sob a instituição de mecanismos simbólicos que gerenciam, incitam conjunturas de regulação e processos de disciplinarização, bem como procedimentos de ratificação. Para a estudiosa, a atuação do poder se consolida a partir da sua versatilidade e abarca princípios que se adequam ao circuito social. Nessa associação com as relações de poder, os instrumentos midiáticos articulam a construção dos arquétipos¹ da sociedade, que têm origem a partir do seu próprio cenário simbólico, em consonância com os pressupostos que subjazem o universo da mídia e institucionalizam o aspecto sob o qual repousa a sociedade contemporânea: a cultura do espetáculo.

Nesse cenário, explicita Debord (1997) que a sociedade permanece alicerçada no presente modelo de economia mundial que viabiliza a unificação global e desencadeia a

¹ A noção de arquétipo concebida nessa pesquisa, emerge das formulações do psicólogo Carl Gustav Jung. Para o estudioso, o arquétipo é descrito como um agrupamento de imagens que habitam no inconsciente da coletividade. São constituídos em espaços de memória que tem princípio na herança sociocultural. Portanto, o arquétipo é um conjunto de representações, modelos inconscientes que incitam a determinação da conduta humana.

disseminação do espetáculo. Assim sendo, o contexto social no qual estamos inseridos não é arbitrariamente espetacular, mas subsiste ancorado, fundamentalmente, no circuito “espetaculista”. Segundo o autor, a cultura do espetáculo é a essência da sociedade atual. Dito isto, podemos entrever que o suporte midiático trabalha a serviço do governo do espetáculo e oportuniza a construção de um imaginário social veiculado, primordialmente, pelo discurso midiático. A mídia promove a construção do espaço público, tendo em vista que a máquina midiática preside a circulação e (re)produção de estereótipos, imagens, entrecortadas historicamente, que instituem os sujeitos discursivos. No construto da representação da realidade, os instrumentos midiáticos desvelam um conjunto de prescrições e diretrizes que revelam sistemas de valores, e deflagram instâncias de regulação e (re)produção dos comportamentos sociais (GREGOLIN, 2003b).

Nesse contexto, o aparato midiático alicerçado sob estruturas (re)construtoras, (re)produtoras e (trans)formadoras de ideias e princípios, retrata o construto da identidade² a partir de um imaginário advindo da fabricação dos papéis sociais que são propagados na sociedade. Assim, o discurso das mídias organiza e promove, segundo Fonseca-Silva (2007a), práticas sociais concretas. Sob o amparo da relevância histórica, a identidade se constitui pela (re)inserção de símbolos que governam o imaginário coletivo, exercendo constante (re)construção do aparato regulador das visões do mundo e movências dos sujeitos (GREGOLIN, 2003b). De acordo com a estudiosa, o ideário da identidade reverbera sistemas de afirmação e pertencimento socioculturais, disseminados pelos símbolos, estereótipos³ e modelos com o intuito de generalizar, pela saturação, a (re)produção identitária. Conjuntura que condensa o seguinte paradoxo: os meios de comunicação agenciam a construção da singularidade, mas configuram o esvaziamento da esfera social sob o construto da identidade.

O discurso midiático, ancorado nos domínios da memória coletiva, estabelece a circulação e a regularidade de enunciados marcados por imagens legitimadas na dinâmica social (GREGOLIN, 2003b). Nessa perspectiva, fornece um arquivo histórico que permite compreender os processos de subjetivação da mídia na veiculação de imagens apreendidas nas práticas socioculturais, em articulação com mecanismos de

² Para Possenti (2014), a identidade é uma construção imaginária. Ideário que não apresenta, necessariamente, uma ausência de correspondência com a realidade.

³ A noção de estereótipo concebida no âmbito desta pesquisa, abarca a concepção erigida por Sírío Possenti. Isto posto, o estereótipo caracteriza uma construção social imaginária que evidencia um aspecto reducionista, na maioria das vezes, negativizada (POSSENTI, 2014).

disciplinarização e controle que propiciam a formulação de identidades. Para a autora, os mecanismos midiáticos se encontram no vértice da produção de identidades específicas por intermédio dos “dispositivos pedagógicos” que fomentam a criação de verdades e liberdades reguladas que promovem a emergência do presente. A esse respeito, Gregolin (2003b, p. 99) assevera que “esse poder que se exerce sobre o corpo é ininterrupto e, por isso, naturalizado, é internalizado pelo sujeito”. Assim, partindo do pressuposto de que existem âmbitos de apreciação dos comportamentos, o controle e a vigilância social disseminam mecanismos de desprezo com o intuito de influenciar atuações sociais que ratifiquem espaços normalização.

O ideário da masculinidade atrelado à representação de homem macho, detentor do poder fálico e essencialmente patriarcal, engendra o estabelecimento de papéis determinados e estruturas fixas de comportamentos que abrangem ambos os gêneros (BOURDIEU, 1997). Nesse contexto, para o autor, alicerçada sob um sistema de assimetria sexual ratificado pelas diferenças biológicas e assegurada pela socialização coletiva, a naturalização da ordem social permanece ordenada na fixação das oposições entre masculino e feminino. Assim, traços distintivos e determinações sociais que subjazem lugares de dominação e subalternidade, concedendo à ordem social instâncias de legitimação da dominação masculina. Isto posto, assevera Bourdieu (1997, p. 6) que “estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender” e “incorporamos, sob a forma de esquemas de inconscientes de percepção e apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina”.

Marcadas pelo contexto da crise identitária (HALL, 2006b), e amparadas por comportamentos, hábitos, crenças e valores voláteis, as alterações na identidade feminina infligem modificações na identidade masculina e, portanto, permitem entrever a caracterização de uma conjuntura social presente no contexto sociocultural e histórico que enuncia e incita a construção de uma imagem mental que suscita a comicidade e a violência, o homem *cornio*. Assim sendo, do circuito social irrompem mecanismos de (re)construção e (re)afirmação do poder fálico, para Bourdieu (1997), bens simbólicos que emergem, inclusive, da própria atuação feminina.

De acordo com Orlandi (2007a), no que concerne à metodologia em Análise do Discurso no Brasil, essa prática configura um cenário de princípios epistemológicos que preconizam uma redefinição constante. Um movimento de descrição e interpretação que não tem a pretensão de elucidar o objeto de estudo, mas busca fomentar discussões

acerca da linguagem e oportunizar uma relação menos ingênua entre o sujeito, o sócio histórico, os sentidos e as práticas discursivas. Para Orlandi (2013), a Análise do Discurso (AD) não persegue o ideário do sentido estrito, mas partindo da materialidade linguística e histórica busca o real do sentido, tendo em vista que a língua evidencia pontos de equívoco, falhas, deslizamento dos sentidos. Para tanto, o analista do discurso trabalha na construção do seu próprio dispositivo de interpretação, percurso que precisa fazer emergir os movimentos de identificação dos sujeitos e suas significações, bem como a relação com a memória.

Segundo Orlandi (2013, p. 61), no que concerne ao analista, é preciso que “no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, ele não reflita apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas reflita no sentido do pensar”. O dispositivo de análise institui seus princípios a partir do *corpus* que pretende refletir, como também da definição das categorias de análise. Assim, o perfil de análise é construído a partir dos dispositivos que possibilitem ao analista a abordagem necessária para descortinar a relação entre língua-história-sentido e oportunizem, portanto, a chegada à discursividade. O analista do discurso busca compreender o trabalho de (re)produção na rede de filiação dos sentidos e identificações que permitem entrever o movimento das formações discursivas (FD) e formações ideológicas (FI), entrecortadas por redes de memória e arquivo. A intenção é refletir acerca da emergência dos sentidos, como também da inscrição do sujeito em sua posição social (ORLANDI, 2013).

Diante das discussões tecidas, podemos observar que a cultura do espetáculo promovida, na abordagem da nossa pesquisa, pelo discurso midiático e associada aos estudos culturais, de gênero e do humor, desvela interações profícuas que evidenciam movimentos ancorados na fabricação de identidades e proporcionam reflexões acerca do contexto de surgimento e efeitos desses processos de identificação.

Este estudo está pautado nos princípios da pesquisa descritivo-interpretativista. No que concerne à forma de abordagem, considera-se de base qualitativa. Propomos uma pesquisa alicerçada no entrelaçamento entre a Análise do Discurso de tradição francesa, Estudos Culturais, Gênero e Humor, a partir das notícias de jornais veiculados na internet com o intuito de oportunizar reflexões acerca do perfil cômico-violento da figura do *corno*, bem como das tessituras de poder-subordinação e redes de memória

que instituem o simulacro⁴. Nessa perspectiva, nosso objetivo geral é analisar os aspectos linguístico discursivos presentes nas notícias de jornais veiculados na internet, que reverberam na construção de identidades do *cornio* na contemporaneidade. Sobre os objetivos específicos, pretendemos: a) Verificar o papel da mídia na espetacularização dos efeitos de sentido, como mecanismo (co)produtor e (re)produtor de identidades; b) Refletir acerca da construção midiática cômica do homem *cornio*, em articulação com os mecanismos da memória discursiva (MD), dos estudos culturais, de gênero e do humor, como aspectos que institucionalizam práticas concretas de violência.

Diante do exposto, com relação à composição do *corpus* que da nossa pesquisa, nos debruçamos sobre jornais veiculados, primordialmente, pela internet e selecionamos notícias em evidência no universo digital pelo aspecto insólito caracterizado pela violência extrema ou comicidade. Dito isto, intentamos refletir acerca dos seguintes questionamentos: as movências que instituem o homem na identidade de *cornio*, de fato, reverberam humor e/ou violência? O retrato humorístico do homem *cornio* evidencia a caracterização de uma identidade que incita a atuação violenta? Como hipótese, propomos que alicerçada no contexto cultural, em articulação com a instância midiática e a MD, a identidade do homem *cornio* sedimenta o perfil humorístico que suscita, bem como promove, pela ridicularização, práticas concretas de violência. Instada pela “legítima defesa da honra” e, portanto, alicerçada na dominação masculina promovida pela própria ordem social, a identidade do *cornio* institucionaliza a violência.

A identidade humorística do homem *cornio* se institui a partir da oposição à masculinidade e, ao mesmo tempo, incita a legitimação do homem macho, possibilitada por intermédio de um consenso coletivo acerca das modalidades sociais polêmicas que permitem a apreciação de sistemas de crenças e valores sem a aplicação de represálias (BAZZA, 2012). Nessa perspectiva, os papéis sociais são delineados e se coadunam sob instâncias de dominação-subserviência presentes na sociedade patriarcal. Sob a tutela de esquemas inconscientes (BOURDIEU, 1997), somos condicionados culturalmente a depreciar os comportamentos que se distanciam dos padrões ideais do homem macho, bem como a ratificar as instâncias que subjazem a dominação masculina.

Diante do exposto, a pertinência da nossa pesquisa se solidifica no ineditismo da temática, bem como na compreensão das práticas sociais de linguagem como

⁴ A noção de simulacro empregada nesta pesquisa, aborda a concepção proposta por Sírio Possenti. Nesse sentido, compreendemos que o simulacro é uma construção imaginária caracterizada por evidenciar o caráter contrário, avesso, apregoado a determinada identidade (POSSENTI, 2014).

mecanismos articuladores e (re)construtores de arquétipos e simulacros sociais, entrecortados histórica e ideologicamente, permeados por ideários, efeitos de sentido que perpetuam imagens simbólicas, identidades, com o auxílio da mídia e refletem suas influências no sujeito discursivo.

Para desenvolver esta pesquisa sobre a constituição do sujeito *cornio* na contemporaneidade, buscamos suporte na AD de tradição francesa, cuja fundação deve-se aos trabalhos de Michel Pêcheux, e nos Estudos Culturais, do Gênero e do Humor. Para tanto, recorreremos as ideias de Orlandi (2005; 2007a; 2007b; 2013), Gregolin (2003a; 2003b; 2007), Bourdieu (1997), Debord (1997), Bergson (1983), Propp (1992), Hall (2006a; 2006b), Baumam (1999a; 1999b), dentre outros estudiosos, que nos fornecem elementos teóricos que possibilitam analisar como se constitui a identidade do *cornio* no momento histórico atual.

Feita a explanação dos nossos questionamentos, a formulação da nossa hipótese e da metodologia, apresentamos a forma como este trabalho está estruturado. Além desta introdução, esta monografia é composta por três capítulos. No primeiro, intitulado “Análise do Discurso”, apresentamos, inicialmente, o percurso histórico da AD de tradição francesa, como também discutimos as ressonâncias que o projeto pecheutiano teve no Brasil e, em seguida, mobilizamos algumas noções teóricas, dentre elas, discurso, sujeito e memória discursiva.

No capítulo seguinte, denominado “O discurso midiático: a cultura do espetáculo”, nos dedicamos ao estudo da sociedade do espetáculo e sua profícua articulação com a memória discursiva na (re)produção de identidades. No terceiro capítulo, cognominado “Gênero, poder e comicidade”, refletimos sobre a construção da identidade do *cornio*, analisando os enunciados linguístico imagéticos que deslizam ora para o humor, ora para a violência.

Após a elaboração dos capítulos, tecemos algumas considerações finais sobre o estudo feito.

CAPÍTULO I

1 ANÁLISE DO DISCURSO

1.1 Análise do discurso: um percurso histórico

Na década de 60, do século XX, os intelectuais delineavam um cenário de efervescência científica direcionada a uma nova interpretação dos alicerces do Estruturalismo (FONSECA-SILVA, 2007b). Para os estruturalistas, o campo de estudos da Linguística conferiu a possibilidade de delimitar seu espaço de atuação. Nos Estados Unidos proliferava o Gerativismo chomiskiano e a Sociolinguística laboviana. Na Europa a conjuntura de estudiosos se debruçava sobre a Linguística da enunciação, com influências de Benveniste, bem como no pensamento filosófico analítico de Oxford, na Linguística textual e na Semiótica imanentista. Todas essas diretrizes teóricas intentavam constituir elementos que corroborassem, bem como completassem a Linguística proposta por Saussure, tendo em vista que se pautava na dicotomia entre *langue* e *parole* (FONSECA-SILVA, 2007b).

Diante das diversas vertentes e postulados desenvolvidos durante esse período, a língua, configurada para Saussure como objeto próprio de estudo, é inserida no cenário da psicologia, da ideologia e do social como elemento articulado à instância da fala. Assim, podemos afirmar que esses estudos iniciam questionamentos e reflexões acerca do sujeito idealista, do sujeito do inconsciente, do sujeito ideológico.

As bases da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) começam a ser delineadas no final da década de 60, pelo linguista Jean Dubois e o filósofo Michel Pêcheux. Ambos partilhavam instâncias de confluência relacionadas à política e ao marxismo e buscavam na Linguística novas possibilidades de discutir acerca da política. (FONSECA-SILVA, 2007b). Procedendo de caminhos diferentes, segundo a autora, Dubois e Pêcheux buscavam desvelar a relação do mundo exterior com a Linguística, com o intuito de desfazer o conceito tradicional de texto.

Para Dubois, o estudo da AD deveria atuar a partir da articulação entre o linguístico, o sociológico ou histórico e o psicológico. A instalação do sujeito no âmbito dos estudos da linguagem deveria partir do léxico para o discurso. Pêcheux, por sua vez, desvencilhou a leitura da teoria subjetiva da linguagem, e embasa a AD na sua própria concepção do materialismo histórico de Althusser. Assim, desencadeou reflexões acerca da Linguística, bem como das áreas do humanismo que se entrelaçavam ao estudo

linguístico, abarcou o objeto da AD a partir do embate entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia. Dubois e Pêcheux se dissociavam no que concerne aos pressupostos teóricos, mas se aproximavam nas bases metodológicas. Os estudos linguísticos, como também os trabalhos desenvolvidos nas ciências humanas e sociais, a partir dos alicerces proporcionados por Dubois e Pêcheux, oportunizaram a sedimentação da AD na França.

Diante desse cenário, pretendemos contemplar as três épocas da AD, bem como abarcar as bases teóricas que constituíram sua filiação teórica no Brasil. Pêcheux (2010) evidenciou que a primeira época da AD foi pautada na noção de maquinaria discursivo-estrutural que consistiu na concepção de que o sujeito é assujeitado, mas se apropria da ideia de governar os discursos. O sujeito se apodera de uma estrutura estritamente organizada sem deflagrar modificações. Assevera Fernandes (2005, p. 81) que “o discurso foi considerado como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas, sendo também homogêneo, ou seja, uma maquinaria discursiva fechada em si”. Para Pêcheux (2010), a primeira fase foi definida pela Análise Automática dos Discurso (AAD 1969), alicerçada em uma concepção de língua que funciona a partir de estruturas fixas que mantêm uma relação através da justaposição (FONSECA-SILVA, 2007b).

Os pressupostos teóricos dispostos na primeira época constituíram diretrizes que fomentaram discussões e suscitaram novos questionamentos por parte dos linguistas e analistas do discurso, nos direcionando para a segunda época. Na segunda fase, o dispositivo da AD permaneceu alicerçado no conceito de maquinaria estrutural. Nesse momento, o mecanismo da formação discursiva (Doravante FD), elaborado por Michel Foucault, era concebido como mecanismo que não contempla a definição de condições homogêneas, pois se perfaz através do entrecruzamento de discursos e sentidos que emergem de lugares diversos e corroboram com a noção de subjetividade e formação ideológica (Doravante FI).

Segundo Pêcheux (2010), a noção de FD oportuniza o início do esfacelamento da maquinaria-discursivo-estrutural, tendo em vista que a própria constituição da FD é constantemente entrecortada por outras e desencadeia questões acerca do conceito de maquinaria discursiva. A problemática presente na segunda fase da AD manifesta a assimetria na atuação das forças em processos discursivos, tendo em vista que as relações entre as maquinarias evidenciam novas questões para a AD. O interdiscurso,

também deslocado das elaborações de Michel Pêcheux, é inserido como dispositivo que explicita a correspondência externa de uma FD, portanto, designa uma exterioridade que emerge na construção de uma FD, os discursos transversos. Fernandes (2005) assevera que o sujeito discursivo persiste como efeito de assujeitamento alicerçado à FD que habita. Pêcheux (2010) evidencia que os procedimentos metodológicos permanecem com poucas alterações, apenas os *corpora* oportunizam reflexões acerca dos conflitos internos que perpassam a noção de justaposição, presente na primeira fase.

Em decorrência das questões suscitadas pela segunda fase, novos percursos epistemológicos são erigidos. Fonseca-Silva (2007b) afirma que a noção de maquinaria discursiva, bem como a de FD, potencializa indagações que constroem um terreno fértil para a terceira fase da AD. Assim, para Pêcheux (2010), a terceira época caracteriza o aparecimento de novos âmbitos de exercício da AD, desvencilha a esfera teórica em estudo do funcionamento da maquinaria discursiva. A homogeneidade associada às condições de produção perde sua funcionalidade e é apartada da compreensão de prática discursiva, tendo em vista a instabilidade dos mecanismos sociohistóricos e culturais. Assim, explicita Fernandes (2005, p. 84) que “por trás das palavras pronunciadas outras são ditas, necessitariam de condições de produção historicamente favoráveis à sua implementação, tendo portanto que esperar a abertura política iniciada com o fim da ditadura militar”.

Para Fonseca-Silva (2007b), a noção de heterogeneidade, elaborada por Authier-Revuz, possibilita a compreensão da multiplicidade da trama dos discursos. De acordo com a autora, após a configuração do conceito de heterogeneidade, o discurso é concebido como acontecimento. Courtine promove a retomada de postulados elaborados por Michel Pêcheux e Michel Foucault para constituir os alicerces da teoria do discurso. Emergem questionamentos acerca do fechamento de uma FD, bem como a incorporação do conceito de fronteira que se perfaz em consonância com deslocamentos ideológicos. A noção de enunciado permite entrever uma “materialidade repetível” que se diferencia de enunciação, um acontecimento que não se repete. A memória discursiva (MD) se estabelece enquanto “existência histórica do enunciado”. Portanto, os enunciados remetem sua constituição a uma FD, são concebidos em uma memória e atualizados na existência da enunciação.

Ao escrever o artigo “O papel da memória”, nos anos de 1980, Pêcheux assumiu uma postura visionária ao problematizar em torno da imagem e evidenciou a

necessidade de munir a AD de suportes teóricos que enfoquem as discursividades atuais, nas quais as imagens imperam. O discurso é considerado uma prática vinculada à historicidade dos sentidos e dos sujeitos. O enunciado, então, está articulado ao conceito de memória discursiva e, no caso das imagens, extrapola as fronteiras do linguístico.

Nesse cenário, para Fonseca-Silva (2007b, p. 110), “a Análise do Discurso situa-se no conjunto das disciplinas da interpretação, mas não se institui como especialista do sentido de textos”. A partir da terceira fase, os questionamentos primordiais se debruçam sob a construção dos procedimentos epistemológicos, percursos que tem como força motriz a redefinição, o deslocamento, a desestabilização, que situa esse campo de estudos em um espaço de questionamentos e reflexões, à procura da releitura em um circuito que não oportuniza um desfecho, mas uma investigação constante. Vinculados às noções de sujeito discursivo, de pré-construído, e de interdiscurso, os entremeios da AD fomentam reflexões acerca da heterogeneidade discursiva, do discurso-outro, do sujeito do discurso, do espaço da memória, e formulam conceitos que, apenas a partir de 1980, são discutidos no Brasil e percorrem caminhos diversos (FERNANDES, 2005).

De acordo com Orlandi (2007a), o termo “escola”, atribuído ao campo teórico e metodológico da AD, pressupõe uma organização epistemológica e homogênea no que concerne a sua natureza. Entretanto, após a morte de Michel Pêcheux essa nomenclatura é atribuída a princípios científicos que não abarcam diversos procedimentos metodológicos, tendo em vista que esses trabalhos articulam campos disciplinares diferentes, bem como se instituem sob aspectos socioculturais que subjazem e incitam modificações e adequações dos princípios de exercício em AD. Nessa perspectiva, Orlandi (2007a, p. 75) afirma:

[...] o que tenho proposto é que se articule sistematicamente a história do conhecimento metalinguístico com a história da constituição da própria língua, ligando-se a língua à sua exterioridade, a seus territórios, às populações, às nações e Estados com suas políticas. A ciência da língua que assim se considera não está apartada do território em que se produz. Tampouco a análise de discurso.

Nesse cenário, segundo a autora, a AD se manifesta de modo intrinsecamente articulado às tradições presentes no contexto de fomento, bem como às relações heterogêneas de poder, ou seja, instâncias que produzem o conhecimento e outras que são influenciadas. Uma abordagem assimétrica no desenvolvimento das pesquisas e

estudos. No Brasil há uma apropriação - enquanto filiação teórica - das contribuições de Michel Pêcheux, oportunizadas pelas conjunturas particulares de proficuidade, reconhecida como Análise do Discurso Brasileira (Doravante ADB). Para a Orlandi (2007a), que demarca uma relação de reflexão com a obra de Michel Pêcheux, a AD no Brasil não constitui um campo de sujeição teórica, tendo em vista que reitera princípios, que não necessariamente se incluem naquilo que se conhece como AD francesa, muito embora seja norteadada por uma tradição específica, mas suscita considerações que atualizam desdobramentos teóricos, como também a distinção do espaço de atuação da ADB.

1.2 Sujeito, sentido e memória discursiva

Segundo Orlandi (2005), a AD tem o objetivo precípuo de descortinar a noção de transparência atribuída à linguagem e instaurar um novo espaço de interpretação, perpassando, assim, a superficialidade da materialidade linguística e investigando os efeitos de sentido derivados da opacidade do texto. Para Guimarães (2009), a linguagem se institui como um conjunto de fenômenos sociais de interação, demarcados historicamente. Nesse sentido, evidencia Orlandi (2005) que a emergência dos sentidos, bem como seus deslizamentos e estabilizações, atesta uma relação entre leitor-texto pautada na ordem da historicidade, “o mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores” (ORLANDI, 2005, p. 62).

Nessa perspectiva, para a autora, a AD oportuniza a consonância do aparato linguístico, social e histórico, como também ideológico com o intuito de descortinar a relação da linguagem com os modos de produção social que, por sua vez, se instituem como práticas simbólicas e atuam na construção da conjuntura social. No discurso, concebido como efeito de sentidos, para Orlandi (2007a, p. 28), “forma de conhecimento em que se inscreve na relação do mundo com a linguagem”, é indispensável refletir acerca da inscrição histórica na qual a língua se insere, sob o governo da ideologia. Nesse sentido, a AD compreende a linguagem como vínculo de articulação do homem com o mundo, assim, o discurso, bem como a questão do

simbólico permanece no alicerce das relações humanas. Orlandi (2005, p. 86) explicita que:

As palavras não significam em si. Elas significam porque têm textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que as sustenta, que as provê de realidade significativa. E sua disposição em texto podemos entender a relação com a exterioridade (o interdiscurso), a relação com os sentidos. O texto é um objeto linguístico-histórico.

Tenreiro (2007) evidencia que o discurso precisa ser alojado na tessitura dos sentidos que, disposta nos mecanismos da historicidade e nas condições de produção, gerencia, suscita efeitos de sentido que permitem entrever um emaranhado de encadeamentos discursivos. Para Orlandi (2005), a materialidade linguística desvela manifestações que acompanham as (trans)formações da sociedade, ancorada na reiteração de dizeres para suscitar novos e/ou contraditórios discursos, portanto, gerencia cenários de organização social. “O discurso carregará sempre algumas significações específicas na estrutura social, visto que o sujeito está imerso nessa estrutura, produzindo e reproduzindo não só as relações sociais, mas ainda as relações de poder e dinâmica de um grupo sobre outro” (GUIMARÃES, 2009, p. 97). Diante disso, corrobora Fernandes (2005) que é preciso conceber o discurso no movimento de articulações presentes nos processos sociocultural de constituição.

Situando o discurso na infundável trama dos sentidos (TENREIRO, 2007), e compreendendo que os efeitos de sentido e a interpretação estão dispostos no circuito social, Orlandi (2007c) afirma que o indivíduo é instado em sujeito, ao se inserir na língua, por intermédio da ideologia. Nas palavras da autora, “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história” (ORLANDI, 2005, p. 100). Desta feita, interpelado em sujeito e entrecortado social e historicamente, o sujeito figura na (re)produção e deslocamento de sentidos. A ideologia se configura sob gestos de interpretação condicionados por diretrizes específicas gerenciadas pela relação com a historicidade. Assim, concebidos como naturais e unívocos, os mecanismos de interpretação se alicerçam, portanto, em sentidos estabilizados. Desta forma, a linguagem é instituída, de modo equívoco, sob o ideário da transparência. Sobre a noção de sujeito, Orlandi (2005, p. 22) considera que:

O sujeito é interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do

sentido já-lá. A ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade.

No que concerne à ideologia, segundo Fernandes (2005), é oportuno destacar que não há uma ideologia, mas ideologias ou formações ideológicas (FI) que governam os discursos, entranhados e articulados a processos ideológicos. Chauí (1984) explicita que a ideologia resulta de práticas sociais concretas não arbitrarias, assim, como ideário abstrato, o mecanismo da ideologia se perfaz sob a preservação de imaginário, ou seja, uma ilusão, que objetiva ratificar estruturas e/ou relações de poder na sociedade capitalista. Para tanto, Chauí (1984, p. 78) afirma que “a ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas de existência”. Corroborando Orlandi (2013), acerca da ideologia, que a relação do homem com o construto imaginário oportuniza, em consonância com pressupostos sociais, a emergência dos sentidos e dos sujeitos. Presente no funcionamento dos discursos, a ideologia pretende engajar os sujeitos, mobilizá-los.

Nesse cenário, compreendendo que o sentido não é uma instância adâmica, ou seja, com origem em si, mas produto de atuações sociais e históricas, o sujeito se significa e se define em relação às FI em que se insere, às tessituras de sentido em que se inscreve (ORLANDI, 2013). Sendo assim, a concepção de FD, intrinsecamente articulada à noção de FI, ou seja, um construto socialmente erigido, permite entrever um conjunto de preceitos que demarcam uma tomada de posição. Significações que na trama dos sentidos promovem embates. Fernandes (2005) evidencia que a apreensão de diversos discursos no âmbito social caracteriza o conceito de heterogeneidade constitutiva, proposto por Authier-Revuz, tendo em vista que a disposição dos discursos, muitas vezes contraditórios e irreconciliáveis, permite entrever a construção social de um entrelaçado de discursos e sentidos.

Os enunciados refletem um sujeito social, histórico e ideologicamente instituído, interpelado por faces do cotidiano e integrante de diferentes discursos. A relação de sentidos que estes discursos explicitam faz parte dos diversos posicionamentos ideológicos presentes no âmbito social (FERNANDES, 2005). Para o autor, a FD não se constitui homogeneamente, uniforme, mas é permeada por outras FD, contribuindo para uma nova concepção discursiva de sentido, ou seja, um discurso “novo”, com traços de discursos preexistentes. Assim sendo, diferentes discursos são constituídos por intermédio da interdiscursividade. Os enunciados podem apresentar a mesma

materialidade linguística, o que se modifica é a inscrição histórica e ideológica do sujeito enunciador e, portanto, as relações de sentido (GUIMARÃES, 2009).

Nesse cenário, permeada por embates, as FD são produzidas de modo heterogêneo por intermédio de um entrelaçado de sentidos. Assim sendo, se instituem a partir de elementos que não delimitam espaços de permanência, mas “suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 2013, p. 44). De acordo com a autora, as FD articulam as FI no discurso, concebendo a inscrição do sujeito em determinada FD e não em outra. Assevera Fernandes (2005) que as FD não se engessam em períodos históricos determinados, mas perpassam o tempo e permitem entrever, a partir de novas condições de produção, novas significações e efeitos. No que concerne às condições de produção, são os reflexos que emergem da conjuntura social e infligem atualizações na esfera dos efeitos de sentido (ORLANDI, 2013).

O interdiscurso, de acordo com a estudiosa, permanece articulado ao sentido, tendo em vista que o sentido não se origina em si, mas é preciso significar a partir do sentido antes existente. Assim, o interdiscurso faz referência a um já-dito em diferentes momentos sociais e históricos (FERNANDES, 2005). Segundo Orlandi (2013), essa relação evidenciada por um dizer anterior se institui de modo relevante para a compreensão do funcionamento do próprio discurso, do sujeito e da ideologia, dizeres entrecortados pela historicidade e explicitam sua relação com o ideológico. De acordo com Brandão (2005), as FD permanecem estritamente relacionadas ao mecanismo do interdiscurso, tendo em vista a instabilidade das fronteiras, bem como a própria constituição heterogênea e contraditória, inaugura um contínuo processo de reorganização gerenciado pelo interdiscurso. Portanto, “toda FD é definida a partir de seu interdiscurso” (BRANDÃO, 2005, p. 89). Sobre a memória, Orlandi (2013, p. 31) comenta que:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

De acordo com a autora, os discursos remetem a outros discursos e outros ditos. Assim, todo discurso se constitui face a outros, engendra dizeres presentes e já-ditos que

funcionam como redes de memória. Para Brandão (2005), é por intermédio da MD que as FD promovem a emergência de dizeres anteriores. Nesse cenário, a FD se constitui como um elemento (re)construtor de práticas que reverberam arquétipos sociais, imagens simbólicas que refletem influências no sujeito discursivo, inscrevendo o sujeito em contextos ideológicos de reprodução, (trans)formação de representações. Segundo Davallon (2007), para a manifestação da memória, é necessário que o acontecimento encontre possibilidades de perpetuação, que figure na recordação do circuito social. Rememorar o evento não transforma o ocorrido em um fato de memória, mas é imperioso que essa reminiscência encontre uma vivacidade, bem como que seja disseminada pelo contexto social. Sendo assim, para o autor, a memória opera por intermédio do compartilhamento de circuitos de lembrança.

Na opinião de Brandão (2005), a conjuntura social subjaz estruturas de poder e gerencia a retomada, o rompimento, a transformação, bem como o silenciamento dos efeitos de memória. A autora evidencia que o estatuto da MD atua no governo do desígnio das formulações passíveis de reinserção e/ou atualização no cenário social, em um contexto histórico específico. Segundo Orlandi (2013), não dispomos do domínio da MD. Muito além dos deslizamentos dos efeitos de sentido, a estabilização pressupõe a retomada do simbólico, apartada da possibilidade de uma atualização ou inserção histórica que subsidie novos efeitos de sentido.

Diante das considerações tecidas, verificamos que a AD no Brasil se articulou sobremaneira às tradições e permite entrever o desenvolvimento profícuo desse campo de estudos no cenário brasileiro. Refletimos, ainda, sobre as noções de discurso, sujeito, FI, FD, MD, heterogeneidade e interdiscurso, movências que subjazem nosso estudo e constroem os alicerces para a compreensão da ideologia, dos efeitos de sentido, da constituição do sujeito e suas práticas sociais. Constatando, assim, que as relações de poder no circuito social não se manifestam de modo ingênuo e desinteressado, mas agenciam mecanismos de (re)inserção de arquétipos que resvalam interferências no sujeito discursivo.

Na contemporaneidade, o discurso midiático, com sua forte e invasiva onipresença, constitui um dispositivo poderoso na produção das identidades que são, muitas vezes, espetacularizadas na mídia. É sobre esse espetáculo de imagens que o próximo capítulo está organizado. Nele, refletimos acerca da noção de espetáculo desenvolvida por Guy Debord, e sobre a figura do *cornio* na cena contemporânea.

CAPÍTULO II

2 O DISCURSO MUDIÁTICO: A CULTURA DO ESPETÁCULO

2.1 A sociedade do espetáculo

Do ponto de vista de Bauman (1999a), no que concerne ao fenômeno da globalização, sinônimo de mobilidade, a supressão das instâncias de espaço-tempo instaura a Era da comunicação imediata e preconiza o vertiginoso encurtamento das distâncias. Nesse sentido, no panorama do mundo interconectado à nível global, em associação com o consumismo, assevera Hall (2006a) que essa convergência oportuniza a emergência e a dispersão de representações, imagens e conjunturas de (re)produção. Nessa perspectiva, no cenário da transcendência territorial, evidencia Debord (1997) que a sociedade contemporânea incide na cultura do espetáculo e reverbera a genuína relação assumida pelos pressupostos capitalistas de produção. Sendo assim, o espetáculo irrompe como sustentáculo de origem, eco e elemento de ratificação do/pelo presente modelo social.

Para o autor, o espetáculo é a própria sociedade e sua essência, simultaneamente. A prática espetacular subjaz as manifestações midiáticas e se autopropetua a partir do desígnio último e intrínseco do aparelho social, a exorbitância. De acordo com o estudioso, nenhum âmbito da sociedade permanece intocado pelo espetáculo, tendo em vista que seu poder se institui no escopo da tirania, da onipresença e nada se esquivava da sua atuação. “O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos” (DEBORD, 1997, p. 171). O complexo midiático constitui a edificação da realidade a partir de um cenário ilusório e, portanto, disforme em relação ao real. “O real é, pois, sobredeterminado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos” (GREGOLIN, 2003b, p. 98-99). Sobre a temática do espetáculo midiático, Debord (1997, p. 174) afirma que:

O governo do espetáculo, que no presente momento detém todos os meios para falsificar o conjunto da produção tanto quanto da percepção, é senhor absoluto das lembranças, assim como é senhor incontrolado dos projetos que modelam o mais longínquo futuro. Ele reina sozinho por toda parte e *executa seus juízos sumários* (Grifos do autor).

Segundo o autor, ao retratar a sociedade, o espetáculo se “confundiu” com a realidade, se articulou de modo intrínseco e indissociável ao governo da mídia. Portanto, gerencia com perspicácia e competência a organização dos artifícios para exercer sua soberania. Em consonância com Debord (1997), assevera Gregolin (2003b) que a instância midiática articula e potencializa a incessante circulação de sentidos e, portanto, gerencia a elaboração do imaginário social. Sendo assim, a mídia fomenta, sob a (re)inserção de signos legitimados na dinâmica social, por intermédio da “relevância histórica”, a constituição do aparelho social. Nesse cenário, as práticas da mídia permitem entrever a elaboração de uma conjuntura de embates, disputas de força, jogo de tensões que se constituem sob a forma do espetáculo. Debord (1997, p. 171) defende que:

Por trás de uma infinidade de pseudodivergências midiáticas, fica dissimulado o que é exatamente o oposto: o resultado de uma convergência espetacular buscada com muita tenacidade. Assim como a lógica da mercadoria predomina sobre as frequentes modificações do armamento, também a rigorosa lógica do espetáculo comanda em toda parte as exuberantes e diversas extravagâncias da mídia.

De acordo com o filósofo, a sociedade do espetáculo contaminou e se apoderou de todos os domínios existentes na infraestrutura social, gerencia com astúcia a estupidez, o (des)conhecimento. Instituída no sustentáculo da efemeridade, assegura a sucessiva emergência de diversas situações de amplitude coletiva. Assim, oportuniza por intermédio da permuta, a manifestação da presença efêmera e irrelevante dos acontecimentos, “[...] o meio utilizado garante uma espécie de eternidade dessa não-importância, que fala tão alto” (DEBORD, 1997, p 178). Nessa perspectiva, organiza de forma consistente o obscurantismo, a inércia. A cultura do espetáculo impera e condensa seu funcionamento na exibição espetaculista de um fato, este evento, agora em evidência passa a existir na sociedade, em contrapartida, se retrata outra ocorrência, é esta eventualidade que existe. Assim, opera sob o ideário da ostentação, bem como do silenciamento, artifícios gerenciados de acordo com os interesses e fins do espetáculo. Em movimento cíclico, de (re)iteração e (re)arranjo persistente de seus fenômenos, ratifica a veracidade e, portanto, acomoda e legitima a estrutura midiática.

Mittmann (2008) afirma que a contemporaneidade habita na hegemonia instada pelos instrumentos midiáticos, assim, as novas diretrizes advindas dessa superpotência,

mais especificamente o ciberespaço⁵, a “cibercultura⁶”, suscita o vínculo comunicacional entre a rede de computadores, mas, seu âmbito de atuação também potencializa e expande uma nova ordem na tessitura dos discursos e, portanto, das significações. Assim, “o ciberespaço abarca não apenas a armazenagem e circulação dos discursos, mas também a produção, as formas de organização e articulação, além da recepção” (MITTMANN, 2008, p. 113-114). De acordo com a autora, essas mudanças na inscrição sociocultural e prática do cotidiano regem modificações na dinâmica da interação leitor-texto, na própria perspectiva de apreensão do mundo. Para Debord (1997), as inovações tecnológicas oportunizam a imersão no escopo da sociedade espetacular. Por isso, o ciberespaço se configura uma esfera profícua que suscita reflexões e discussões.

Diante desse cenário, assevera Dionísio (2014) que os avanços tecnológicos, bem como o circuito de atuação midiática, despertam a multiplicidade de suportes e recursos na formulação da atividade escrita e concedem ângulos diversificados para o exercício da leitura. São práticas em contínua reordenação com as facetas das conjunturas sociais. Em decorrência disso, os hábitos de leitura e escrita desvelam o estilo de vida da sociedade contemporânea, a forma de se relacionar com a linguagem, como também sua habilidade de coexistir e se familiarizar com os diversos recursos semióticos da coletividade multiletrada (DIONÍSIO, 2014). Para a autora, marcada pela convergência de interfaces imagéticas, de textos verbais, efeitos sonoros, *hiperlinks*⁷, tabelas, gráficos, infográficos e ícones animados, a comunicação promovida por intermédio dos mecanismos midiáticos gerencia a articulação de linguagens diversas para retratar o social e tecer significações. Nesse sentido, o universo digital é um terreno propício para a eclosão de discursos que circundam para o campo do sensacionalismo, das notícias sobre violência, sobre traições, etc.

A notícia, texto de ampla circulação no âmbito jornalístico, pressupõe uma linguagem objetiva que pretende descrever os fatos com imparcialidade. No entanto, os sistemas de dominação espetacular subjazem as estruturas sociais e disseminam a “ignorância” (DEBORD, 1997). Ordenam o texto de informação sob o ideário da

⁵ Segundo Santaella (2008), o ciberespaço equivale a um espaço virtual de armazenamento da informação que manifesta sua materialidade e, portanto, existência quando acessada pelo usuário.

⁶ Para Santaella (2008), a cibercultura denomina a relação de interação configurada entre a sociedade e as novas tecnologias de comunicação.

⁷ De acordo com Santaella (2008), os *hiperlinks* ou *links* são espaços digitais que se articulam com outros possibilitando a construção do hipertexto, ou seja, plataformas de acesso que permitem uma multiplicidade de percursos para a edificação da informação.

utilidade pública, instantaneidade, alicerçado na representação e transmissão da realidade social, a voz da verdade à serviço da democracia. A comunicação multimodal, preconizada no presente estudo com relação à espaços digitais, ou seja, às notícias veiculadas em jornais na internet, exerce uma relação particular de interação com o texto informativo e, portanto, inscreve o leitor em novos cenários de convivência social.

Focamos nosso olhar sobre as práticas discursivas no espaço digital que embasam as notícias sobre os sujeitos situados na órbita do espetáculo midiático com relação à figura do *cornio*. Isto posto, a notícia intitulada “Corno corta os dois pés da esposa com facão” (Figura 1), publicada no jornal Ouro Preto Online.com, retrata um episódio de violência conjugal ocorrido em Honduras. Devemos conceber o ciberespaço enquanto instrumento de rápida comunicação, informação e entretenimento. Sendo assim, de acordo com o Pimenta (2015), o cenário de contração econômica, o custo oneroso, bem como a celeridade do acesso à informação, promovida pelos *smartphones* e *tablets*, tem proporcionado a impulsão da versão digital dos jornais em relação ao jornal impresso, tendo em vista que essa plataforma se configura como uma estrutura versátil, ágil, que oportuniza formato, conteúdo e abordagem diferenciados a partir do suporte.

Figura 1 - “Corno corta os dois pés da esposa com facão”



Um marido decepcionou os pés de sua esposa com um facão depois de desconfiar que ela estava o traindo.

O homem enfurecido cortou cada um dos pés, na altura do tornozelo, depois de ficar enfurecido com a possibilidade de estar sendo traído pela mulher.

Marcio Matthew Salazar, de 42 anos, foi acusado pelo ataque a Heydi Waleska Hernandez. Salazar, e disse ao jornal La Prensa depois de sua prisão: “Eu sou um homem cristão, mas minha esposa mentiu para mim quando disse que estava saindo com seu irmão em uma missão para Choloma, o que não era verdade. Ontem (sábado) à tarde eu encontrei o meu cunhado e ele me disse que ele não tinha visto minha esposa. Na realidade, minha esposa tinha ido com um primo, mas ela disse que iria voltar para casa às duas da tarde e chegou quatro horas mais tarde, o que me irritou.”

Falando com naturalidade após o incidente, Salazar ainda disse: “Quando ela chegou em casa, peguei o facão que ficava debaixo da cama. Eu não tinha a intenção de matá-la – ela colocou os pés no caminho quando eu estava segurando a faca. Um erro humano, isso é tudo.”

Hernandez perdeu a perna direita na parte do meio e a esquerda na altura do tornozelo.

Salazar continuou: “Foi um momento em que eu fiquei cego pelo ciúme e, embora eu não tenha nenhuma prova de que minha mulher seja infiel, eu tenho suspeitas de possíveis fraudes. Eu sinto muito e talvez não seja tarde demais para me perdoar. Eu a amo e sempre a quis. Foi apenas um pouco de raiva.”

O casal, que vive na aldeia El Rancho, perto de Choloma, em Honduras, tem três filhos. Salazar espera que a esposa o perdoe.

Fonte: <http://www.ouopretoonline.com/modules/news/article.php?storyid=40606>.
Acesso em 15 de abril de 2016.

Barbosa (2003) afirma que o texto jornalístico não apresenta o distanciamento necessário dos fatos narrados, abordagem teoricamente imprescindível para tipificar a dinâmica jornalística. Pimenta (2015) evidencia que o gênero noticioso digital consente deslizamentos que inviabilizam a distinção entre o texto de informação e o opinativo. Nessa perspectiva, a notícia em evidência (Figura 1) destaca que Marcio Matthew Salazar decepcionou os dois pés da esposa ao desconfiar que estava sendo traído. Podemos observar, a partir da manchete, bem como do recurso imagético, que a cultura do espetáculo condensa a abordagem do evento a partir do caráter da violência imoderada. Um acontecimento insólito, tendo em vista que diante do fato o agressor evidenciou que “Foi apenas um pouco de raiva”. Atuação violenta que permite entrever a força do arquétipo do homem *cornio* que reverbera um construto social e historicamente constituído mediante o dever de (re)afirmação da masculinidade, da demonstração da virilidade. Prática que emerge do contexto societal de Honduras. Entretanto, configura um ideário que encontra vivacidade na sociedade brasileira.

De acordo com Bourdieu (1997), a dominação masculina engendra artifícios únicos para a (re)construção e ratificação do sistema da supremacia patriarcal. Portanto, emergem mecanismos de reiteração nas diversas instâncias sociais que são amparados “sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e apreciação” (BOURDIEU, 1997, p. 6). Instrumentos que oportunizam pela coação, a (re)produção e a legalização, inclusive de práticas censuráveis da lógica da dominação, como a violência. A intensidade do modelo arquetípico em discussão permite entrever que o marido, mesmo afirmando sua filiação cristã, se inscreve em um cenário de ratificação e estabilização em relação às proposições sociais. Para Bourdieu (1997), a lógica da dominação deflagra instâncias de poder e controle sob o simulacro da aparência da verdade e da naturalidade que resvala na regulação dos esquemas de ordem simbólica e na prescrição prática dos comportamentos.

A notícia “Após suposta traição, homem arranca bunda da esposa com facão” (Figura 2), veiculada pelo jornal digital Portal Zacarias, relata que uma jovem não identificada, foi agredida pelo marido que, à golpes de facão, arrancou as nádegas da vítima. O fato noticioso evidencia que, segundo informações de testemunhas, a violência ocorreu porque o acusado suspeitou que a esposa o estava traindo com outro. A força “é, com toda evidência, a capacidade decisiva, aquela que faz ou desfaz

reputações, alimenta as façanhas, confirma as hierarquias” (KALIFA, 2013, p. 308). A sociedade do espetáculo abarca a própria história, se personifica e naturaliza no sujeito a partir do próprio espetáculo. Por isso, o exercício da dominação masculina efetivado pelos mecanismos culturais e sociais de hierarquização (BOURDIEU, 1997), gerencia circuitos de naturalização e padronização. Assim sendo, a figura do *cornio* ancorada na diferença em relação à identidade de prestígio deve ratificar a masculinidade através da violência.

Figura 2 - “Após suposta traição, homem arranca bunda da esposa com facão”

Uma jovem de 23 anos teve a bunda arrancada com um facão pelo próprio marido, no município de Anápolis, no Estado de Goiás. Cruel, louco de ciume e completamente fora de si, um homem agrediu a esposa e a deixou a mutilada para o resto da vida. A moça teve suas nádegas arrancada a golpes de facão.

Segundo informações de testemunhas, o fato ocorreu após o acusado suspeitar que a esposa o estivesse traindo com outro homem.

As polícias Civil e Militar estão a procura do acusado; vítima foi socorrida e levada ao hospital da cidade, onde recebe atendimentos médicos. Jovem passará por algumas cirurgias.

Veja fotos chocante de como ficou a vítima!



Fonte: <http://portaldozacarias.com.br/site/noticia/Apos-suposta-traicao-homem-arranca-bunda-da-esposa-com-facao-veja-fotos/>. Acesso em 22 de março de 2016.

Considerando o corpo mutilado, Debord (1997) explicita que a imagem, observada nas figuras 1 e 2, atua como sustentáculo articulador da cultura do espetáculo, tendo em vista que funciona como método de submissão de massas, recurso imagético que legitima qualquer aspecto da espetacularização. Para Bourdieu (1997), a figura feminina representa as virtudes e bens simbólicos da família, bem como ratifica a supremacia e dominação masculina. Nesse sentido, podemos observar que a simples “suspeita” de traição promove atuações de violência extrema com a finalidade última de assegurar a manutenção da posição do homem na hierarquia masculina, tendo em vista

que a mulher falhou no seu dever de posição submissa e ratificadora dos bens simbólicos do dominante. Sinal de virilidade e masculinidade, a manifestação da violência evidencia, na sociedade contemporânea, a impotência. Sobre essa temática, Virgili (2013, p. 113) defende que:

Alguns vetores, e não menores em termos de difusão, como a pornografia e a publicidade, continuam, apoiando-se num universo fantasmático impregnado pelo jogo da submissão e do sadomasoquismo, a manter, ou seja, a promover a imagem de uma virilidade brutal e dominadora e a imagem de uma feminilidade cujo florescimento passaria pela sujeição do macho.

Nessa perspectiva, Laraia (2001, p. 35) explicita que “a nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade”. Para o autor, a conjuntura valorativa, socialmente aceita e disseminada, corresponde a uma construção erigida pela herança cultural. Sendo assim, a interface entre o contexto social, histórico e cultural promovido e fomentado, por intermédio das redes de memória e arquivo, agencia a interpelação do sujeito discursivo. A prática discursiva da violência é permeada pela derrisão, ou seja, inflige a identificação do sujeito com os pressupostos tradicionais, incitados pelo universo social e sedimentado pelas práticas midiáticas. O arquétipo do homem *cornos* subjaz movimentos que transitam entre o risível e a violência.

2.2 (Re)produção de identidades: mídia e memória discursiva

Diante da relevância e amplitude da instância midiática no contexto da sociedade contemporânea, discutiremos o papel dos recursos midiáticos em consonância com a MD na produção de identidades e processos de subjetivação. Assim sendo, pretendemos tecer considerações acerca da (re)construção e gerenciamento de princípios de identificação submersos nas práticas discursivas. A atuação de sistemas simbólicos permite entrever a reiteração de ocorrências linguístico discursivas que encontram projeção no contexto social no qual o sujeito discursivo está inserido. A pertinência dos aspectos culturais, alicerçada nos estudos de Bauman (1999b) e Laraia (2001), desvela a multiplicidade de mecanismos que compõem a ordem, bem como a desordem, sustentáculo do sujeito hodierno. No contexto da espetacularização midiática, a

associação entre discurso, sociedade e memória desvela práticas que instituem a história do presente (GREGOLIN, 2003b).

Nesse sentido, para Bauman (1999b), a cultura se coaduna sob o intrínseco paradoxo da ratificação da liberdade em consonância com a determinação de prescrições. Elementos aparentemente irreconciliáveis e opostos instituem o alicerce de uma ambivalência que fomenta, caracteriza e é sustentáculo das concepções do indivíduo moderno. Corroborando Laraia (2001) que as manifestações culturais atuam no gerenciamento das práticas de eternização e controle por intermédio de um processo incessante. Para Bauman (1999b) e Laraia (2001), a estabilização, bem como a transformação dos mecanismos culturais, não se consolida de modo pacífico, é pautada em embates. Para o âmbito da nossa pesquisa, a perspectiva de cultura infligida ao sujeito contemporâneo se faz relevante, tendo em vista que ratifica o cenário de instabilidade identitária, como também a persistência de sistemas simbólicos que permeiam, por exemplo, as atribuições sociais de masculino e feminino.

Fonseca-Silva (2007a), no que concerne aos processos discursivos, evidencia que são ancorados em significações historicamente constituídas que permitem entrever uma memória coletiva. Para a autora, a MD constitui um espaço erigido sob disputas, “imagens mentais” ancoradas em sentidos do passado que se inserem na conjuntura atual. Distante de definir um processo pacífico, a memória é instituída por intermédio de embates que destinam a autoperpetuação e funcionamento. O panorama imagético representativo do contexto social, oportunizado pelos mecanismos midiáticos, gerencia o imaginário coletivo que organiza e subjaz modos de proceder. Modelos de conduta são acionados pela circulação de imagens, instituídas pela memória, que evidenciam a própria constituição da sociedade e, por isso, são práticas que encontram vivacidade e ressonância (FONSECA-SILVA, 2007a).

De acordo com Santaella (2008), o fenômeno da memória encontra, de forma análoga, funcionamento no suporte digital a partir da interligação proporcionada pelo hipertexto. Para a autora, no contexto da universalização gerada pela globalização, o universo digital se manifesta de forma significativa e cada vez mais intensa, assim, uma instância excepcional, o ciberespaço. O domínio da MD abarca efeitos de sentido e significações que emergem “como um espaço do *mesmo* e do *outro*, ou seja, espaço em que os enunciados entram em redes, circulam e abrem-se para serem deslocados, repetidos apagados, esquecidos, retomados, atualizados e transformados” (FONSECA-

SILVA, 2007a, p. 34). Nessa perspectiva, assevera Gregolin (2007) que o espaço midiático governa a proliferação de imagens simbólicas que permitem entrever a produção e aquisição de identidades pelos sujeitos.

Nesse sentido, Woodward (2006) afirma que as identidades são incorporadas através da linguagem, bem como pelos sistemas de representação simbólica. Para a autora, representações geradas pelos pressupostos culturais que demarcam as posições sociais dos indivíduos e, por intermédio da mídia, incitam a atuação do sujeito. “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos” (WOODWARD, 2006, p. 17). Isto posto, constatamos que o arquétipo do *cornio* em evidência, nas figuras 1 e 2, se manifesta pelo caráter de violência extrema que resvala nos mecanismos de mídia em correspondência à cultura do espetáculo. Retrata os corpos mutilados que subsidiam o aparecimento da conduta empregada pelo *cornio*, estereótipo de ressonância no imaginário social que, para Gregolin (2003b), conseqüentemente, tem amparo na realidade.

Para a pesquisadora, o cenário da sociedade contemporânea fomenta a adoção de identidades diversas e, inclusive, opostas e irreconciliáveis, embates que evocam a crise identitária. Segundo Hall (2006a), constituída como elemento unificador do universo social, mecanismo de reconhecimento estável, a identidade padece, no final do século XX, da intitulada “crise de identidade” que decorre da instabilidade e fragmentação do sujeito gerada, pelos efeitos da transfiguração das estruturas e aparelhos sustentáculo da sociedade. Sobre essa questão, Hall (2006a, p. 13) afirma que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

No que concerne às vicissitudes ocasionadas em virtude do processo de globalização, podemos entrever um aspecto relevante para a alteração das identidades fixas, tendo em vista que proporciona a vigorosa alteração dos hábitos e costumes, dos comportamentos individuais e coletivos. O movimento intitulado “indivíduo soberano”, suscitado entre o período do Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, desempenhou o papel de incitador da diversidade no ambiente sociocultural da modernidade (HALL, 2006a). Para o autor, o sistema movedição oportunizado pela pluralidade identitária, propicia a emergência do sujeito

contemporâneo, entrecortado histórica e culturalmente, que se institui em constante deslocamento. Nesse cenário, sob a identidade cultural é deflagrada a dinâmica daquilo que se assenta como fugidio, por intermédio dos mecanismos de retomada e (re)inserção que possibilitam a (re)integração simbólica e a preservação do contexto de (re)produção da conduta do *cornio* no cenário da atualidade.

Woodward (2006) assevera que “identidade” e “subjetividade” são termos que podem ser exercidos de modo alternado, sem acrescentar prejuízo ao trajeto de sentido. A subjetividade pressupõe uma individualidade, uma relação constitutiva única de si. Contudo, para a autora, o circuito linguístico e cultural atua no entremeio da articulação entre uma inclinação individual e afirmação identitária. Corrobora Hall (2006a) que a identidade como processo de identificação se desenvolve a partir do equívoco ideário da completude e da incessante concretização dessa fantasia que, de fato, se constitui como uma jornada perene. Silva (2006, p. 75) afirma que “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido”.

De acordo com o autor, o “multiculturalismo”, bem como a disseminação do respeito à opulência cultural, oportuniza a emergência de uma política de aceitação da diversidade, concebendo que identidade e diferença encerram noções que se sobrepõem e são interdependentes. Ponto de origem e usada como parâmetro, a identidade demarca sua conjuntura de atuação e explicita o que não produz identificação, ou seja, o que é de âmbito da diferença. Para o estudioso, são categorias forjadas em princípios culturais e linguísticos, portanto, cenário de embates e relações de poder. Nesse sentido, assevera que “elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2006, p. 81).

Diante desse cenário, se faz necessário compreender o espaço da mídia como elemento de espetacularização e ressonância dos efeitos de sentido, que deflagram a construção linguístico discursiva e cultural emanada pela própria sociedade. Promove o engajamento identitário, bem como trajetos sociais que permitem entrever o papel da MD na construção da figura do *cornio*.

Diante das discussões tecidas, vejamos a notícia “Ex-marido diz que matou estudante após ter sido chamado de cornio” (Figura 3), veiculada na página do jornal “G1”. A notícia evidencia que Sergio Souza Cerqueira confessou ter assassinado a

estudante de direito Fernanda Pimenta Cerqueira. O evento noticioso destaca que, com base em informações da polícia, o crime foi motivado por uma relação extraconjugal mantida por Fabiana durante seu casamento com Sergio. Ao descobrir a traição, o acusado confrontou e discutiu com a vítima que afirmou a veracidade do ocorrido e o chamou de *cornô*.

Figura 3 - “Ex-marido diz que matou estudante após ter sido chamado de cornô”



Ex-marido confessou ter assassinado a estudante (Foto: Bruno Lima / Jornal A Tribuna de Santos)

O ex-marido de Fernanda Pimenta Cerqueira, Sergio de Souza Cerqueira, de 35 anos, confessou, durante depoimento para a polícia, ter assassinado a estudante. **O corpo foi encontrado no último sábado (23), nas margens da rodovia Rio-Santos, e a identidade da jovem foi confirmada por uma tatuagem no pé direito**, já que o corpo estava em avançado estado de decomposição.



Fernanda Pimenta Cerqueira foi encontrada morta (Foto: Arquivo Pessoal)

O crime aconteceu na casa do homem, em Vicente de Carvalho, no distrito de Guarujá, no litoral de São Paulo. De acordo com informações da polícia, o homem descobriu que a esposa mantinha uma relação extraconjugal, enquanto eles eram casados, e resolveu tirar a história a limpo. De acordo com Cerqueira, a vítima confirmou a história e chamou o suspeito de 'cornô'.

Ainda segundo a polícia, o homem se revoltou, derrubou a ex-mulher no chão e a esganou. Em seguida, Cerqueira colocou o corpo da mulher em um carro e jogou o cadáver nas margens da Rodovia Rio-Santos. O suspeito ainda negou ter mutilado as mãos e cortado os cabelos da ex-mulher. A polícia, porém, ainda investiga a história já que o corpo foi encontrado com os cabelos raspados e sem uma mão que tinha uma tatuagem com o nome do suspeito.

A Polícia Civil marcou uma entrevista coletiva, na tarde desta quarta-feira (27), para falar sobre o caso e apresentar os detalhes de toda a investigação.

Prisão temporária
A Justiça decretou, na última segunda-feira (25), **a prisão temporária do ex-marido de Fernanda Pimenta Cerqueira**. No local onde o corpo foi encontrado, às margens da rodovia Rio-Santos, os policiais encontraram também um brinco que era usado por Fernanda. O celular e outros pertences da estudante que podem ajudar no entendimento do crime ainda não foram achados.

Fernanda Pimenta Cerqueira completaria 37 anos em março. Ela nasceu em Itapeva, no interior de São Paulo, onde a família continua morando, morava havia 10 anos em Guarujá. Segundo familiares, ela havia se separado do marido em novembro do ano passado. O casal tinha uma filha.

Fonte: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/01/ex-marido-diz-que-matou-estudante-apos-ter-sido-chamado-de-corno>. Acesso em 25 de maio de 2016.

Observamos que a atuação violenta, de acordo com o acusado em seu depoimento à polícia, encontra fundamento na sua atribuição ao estereótipo do *cornô*.

Um arquétipo, uma imagem simbólica de ressonância social que encontra vivacidade e justificação na sociedade brasileira e se institui no entremeio do cômico-violento. Para Possenti (2014), o estereótipo, bem como a identidade, se constitui a partir do imaginário social e desvela um simulacro, “uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (POSSENTI, 2014, p. 40).

Segundo Virgili (2013), a estrutura social do início do século XX desvelava a primazia da ordem masculina através dos adágios populares, bem como dos provérbios, “porque todas as violências do cônjuge contra a sua mulher não eram originalmente consideradas ilegítimas ou vergonhosas” (VIRGILI, 2013, p. 93). O arcabouço sociocultural promovia esquemas de ratificação da heterogeneidade dos sexos, como as “cavalgadas” que atuavam na ridicularização dos maridos *cornos*, tendo em vista a obrigatoriedade masculina de preservar a ordem. Essa ordem é alicerçada em uma memória coletiva que incita, como evidencia Bourdieu (1997), a alteridade entre os sexos, ou seja, à mulher são atribuídos os bens simbólicos que não fazem parte do âmbito de atuação do homem.

O imaginário social da identidade do *cornos*, instituído pelo contexto histórico e cultural, em oposição ao macho, encontra ressonância nos mecanismos espetaculistas da mídia, como podemos constatar nas figuras 1, 2 e 3. Para Silva (2006) a identidade e a diferença são elementos intercambiáveis. O sujeito instado no estereótipo e, portanto, na identidade de *cornos*, evidencia a diferença e remete ao grupo identitário dominante que, por sua vez, por intermédio da inculcação do governo do corpo (GREGOLIN, 2003b) e modos de pensar (WOODWARD, 2006), incita a retomada do controle e a ratificação da masculinidade através a violência e do emprego da força, instrumentos valiosos para as demonstrações de virilidade (KALIFA, 2013). Essa prerrogativa exemplifica a potência de um arquétipo que encoraja e institucionaliza a violência.

Os mecanismos de controle social utilizam o caráter humorístico, a ridicularização, no intento de provocar a consumação das expectativas dispostas pelo convívio social e, assim, exonerar a identidade diferenciadora do *cornos* e abarcar a identificação dominante do macho, tendo em vista que os princípios da masculinidade precisam alimentar a hierarquia imposta pela ordem da dominação. Nesse sentido, assevera Kalifa (2013, p. 313) que:

Dessas relações decorre notadamente a necessidade de “conter sua mulher”, isto é, de dominá-la, “corrigi-la”, “purgá-la” periodicamente. Um duplo sinal de virilidade é aqui perceptível, no uso da força, atributo essencial, como na demonstração da dominação masculina. Daí resulta, igualmente, a constante feminização daquilo que o homem rejeita ou despreza. Todo insulto, de fato, é feminizado. É desta forma que aquele que desferiu um golpe baixo será uma vagabunda, aquele que entregou seus cúmplices será *uma* dedo-duro, *uma* cagoete. (Grifos do autor).

Bourdieu (1997) argumenta que o gerenciamento do capital simbólico da família, destinado à mulher, por intermédio da privação de atribuições, direciona à figura feminina a reiteração da integridade, da honradez, da dignidade e da grandeza atribuídas ao homem. Portanto, para a figura feminina, situar o homem na identidade de *cornio*, como vimos na figura 3, descaracteriza o patamar de dominação e inferioriza um arquétipo intrinsecamente hegemônico que, por sua vez, restaura a relação de alteridade por intermédio da afirmação da virilidade articulada à violência e a submissão da mulher. Conforme afirma Virgili (2013, p. 101), “quaisquer que fossem as trajetórias que tenham precedido o drama, a perspectiva de perder aquela que se pensava possuir funciona como uma negação do poder, da autoridade e da virilidade onipotente”. Sendo assim, a afirmação identitária e a ratificação das relações de poder-submissão são pressupostos dispostos ao sujeito como condição de permanência e aceitação do circuito social.

Para Silva (2006), a busca pela identidade não perfaz um ponto pacífico, permite entrever embates governados pelas relações de poder que subjazem a sociedade. De acordo com o estudioso, identidade e diferença funcionam como elementos de hierarquização que evidenciam relações de tensão. São posições, polos de poder que demarcam fronteiras, muitas vezes opostas. Apesar disso, no processo de superioridade-inferioridade, ou seja, de hierarquização, essas disposições caracterizam o mecanismo da normalização e anomalia, elegem como parâmetro as imagens simbólicas de prestígio social em detrimento das condutas desviantes ou diferentes. “A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência não faria sentido” (SILVA, 2006, p. 84). Portanto, identidade é sinônimo de normal, de propósito, de socialmente aceitável. No cenário de representação daquilo que diverge, o *cornio* ou, no contexto da nossa pesquisa, a simples associação ao arquétipo, incita mecanismos de ratificação e controle que intentam ratificar a dominação masculina.

Woodward (2006), em articulação com o trabalho de Silva (2006), defende que a construção da identidade é um processo alimentado por concepções simbólicas

propagadas pelo escopo social e cultural que, por sua vez, não se instituem como movimentos pacíficos, mas são cenários de embates. Circuitos sociais que, segundo Bourdieu (1997), gerenciam mecanismos históricos de diferenciação que permitem entrever relações de imposição-subserviência que asseguram a estabilidade social. O arquétipo cômico-violento do *cornio* evidencia uma função simbólica que subjaz e incita o ideário da dominação masculina.

Conforme as discussões suscitadas, observamos a amplitude da sociedade do espetáculo e sua articulação profícua aos mecanismos midiáticos na conjuntura da formulação de identidades. Discorremos acerca da modalidade dos jornais digitais e sua relação com o sujeito-leitor, que instaura novas possibilidades de interação. Abordamos o arquétipo do *cornio*, erigido a partir de uma construção que oscila entre a comicidade e a violência. É sobre as questões relativas às relações de poder e violência que o próximo capítulo se mantém estruturado. Nele, erigimos reflexões acerca da alteridade atribuída aos gêneros e como essa hierarquização configura as relações de violência gerenciadas pela identidade do *cornio*, como também discutimos a transitoriedade cômico-violenta que se alicerça o arquétipo.

CAPÍTULO III

3 GÊNERO, PODER E COMICIDADE

3.1 Virilidade e violência: supremacia, dominação e relações de poder

Segundo Bourdieu (1997), a gênese da dominação masculina encontra sua vivacidade na perpetuação dos costumes, das tradições. Pressupõe a naturalização do “princípio da alteridade” entre gêneros, promovida por intermédio das instituições sociais e dos mecanismos de regulação. Em articulação com os processos de eternização, o princípio da divisão dos sexos, alicerçado em atributos biológicos e psicológicos, oportuniza a legitimação do ideário da hierarquização da sociedade a partir da inscrição do sentimento de normalização (BOURDIEU, 1997). Sendo assim, o aparelho social se coaduna sob o ideário da secessão inerente aos gêneros, determinada social e genuinamente pela elaboração da categorização antagônica dos sexos.

Nesse cenário, para o autor, a cultura do patriarcado projeta uma movimentação cíclica do poder fálico que ratifica a heterogeneidade dos sexos e institui a assimetria nas relações de poder, desníveis capazes de conferir atribuições práticas a cada gênero. Diante da posição “legítima” e “inata” atribuída à disposição dos gêneros no estatuto social, se constrói a estabilidade das relações entre feminino e masculino. A ordem da dominação masculina é alicerçada no fato de se isentar de explicações, tendo em vista que se perfaz com base na neutralidade (BOURDIEU, 1997). Para Baubérot (2013), a sociedade administra a essência do conflito de oposições entre os gêneros por intermédio da proficiente conjuntura de dominação e resignação imposta pelo trabalho de interiorização instituído, paulatinamente, através da família, da escola, do trabalho, do quartel e da cultura.

O espaço destinado à mulher engendra a imposição de limites atribuídos ao governo do corpo, “através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e da experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação” (BOURDIEU, 2002, p. 25). Assim, sob pressupostos sociais e históricos de engajamento, a força simbólica atua no desígnio das vontades, adesão e propagação das tessituras de centralização do poder e silenciamento. Para o autor, no princípio da economia de bens simbólicos, ou seja, estruturas que funcionam como ferramentas de (re)produção social destinadas à diferenciação dos

gêneros, à figura feminina são relegados espaços subalternos, esferas de submissão que, em consonância com a construção maligna, desvirtuada, sempre aquém e, mesmo se tratando dos atributos qualitativos, negativizada pela ordem da dominação, objetivam a justificação do sistema de opressão, coação do construto feminino.

Nessa perspectiva, o arcabouço coletivo concede legitimidade às esferas de domínio e sujeição, “as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens” (BOURDIEU, 2002, p. 27). Para o filósofo francês, o trabalho de socialização sobrepõe à figura feminina aspectos de sujeição e vassalagem. À figura masculina, por sua vez, confere a condição de vítima e oportuniza o exercício da obrigatoriedade à dominação. Nesse contexto, o homem é instado à força motriz, agente potencializador e (re)produtor de circuitos de soberania, à mulher se aglutina a retenção e ratificação das categorias da dominação masculina. Em relação à figura feminina, o autor assevera, também, que às mulheres são atribuídas particularidades, como a intitulada “vocaçào” que delibera à figura feminina inclinações para a abnegação; a “impotência aprendida” que condiciona as virtudes masculinas à utopia e sob o sentimento de normalidade; e a “definição dominante da prática” que engendra comportamentos apropriados para cada gênero.

Como parâmetros inerentes às injunções presentes nas instituições sociais, a honra e a virilidade se instituem em princípios norteadores da conduta masculina. Kalifa (2013) evidencia que os atributos físicos, em essência a força, alicerçam a virilidade e norteiam a sobrevivência do/no universo social masculino. A esse respeito, Bourdieu (1997, p. 31) evidencia que “é a transcendência social que nele tomou corpo e que funciona como *amor fati*, amor ao destino, inclinação corporal a realizar uma identidade constituída em essência social e assim transformada em destino”. O paradigma da honra se edifica como dimensão a ser efetivada em práticas que propiciem a proeminência, a ascendência, a grandeza. Segundo o estudioso, “princípio utópico”, fantasia inatingível, a concretização da masculinidade se institui em oposição à inscrição negativizada da mulher, cuja virgindade e a fidelidade são os únicos atributos virtuosos e dignos de preservação ou declínio (BOURDIEU, 1997). Isto posto, a figura do homossexual, bem como a do *cornio*, movimenta o ideário de homem que deforma a ordem da dominação e, portanto, precisa ser rearranjada através da violência.

Diante desse cenário, observemos a notícia “Corno fica furioso, mas diz que ama a mulher” (Figura 4), veiculada na página do jornal digital “Maracatú Notícias”. No evento noticioso, um homem identificado como “Dedé” agrediu a filha que o chamou de *corno*. Para a reportagem do Balanço Geral de Palmas (TO), o acusado afirmou: “Eu já fui, posso ser corno, mas não assumo” e evidencia, ainda, que agride qualquer pessoa que o chame de *corno*. Incorporada, então, pelo círculo familiar ou desde a infância através dos jogos infantis (BAUBÉROT, 2013), a essência da virilidade exige, para Kalifa (2013), a legitimação da coletividade masculina que, em interface com a violência dissimula e incita, sob o ideário da coragem, da honradez, a adesão a práticas sociais agressivas e imoderadas. O fato noticioso evidencia, também, que “Dedé” faz uma declaração de amor na reportagem, apesar da traição da esposa. Segundo Virgili (2013), a prática de violência conjugal ou o crime passionai permite entrever aspectos românticos, mas também de violência excessiva.

Figura 4 - “Corno fica furioso, mas diz que ama a mulher”

Corno fica furioso, mas diz que ama a mulher (VÍdeo)
 22:32:00 | [Nacional](#) | [Policial](#) | [No comments](#)



“Eu já fui corno e posso ser corno, mas não assumo”, disse o homem identificado pelo prenome de Dedê, a reportagem do Balanço Geral de Palmas (TO), durante entrevista na delegacia da cidade, após ser preso por criar confusão e agredir a própria filha por ser chamado de corno. No [local](#), o homem contou sua [versão](#) e por várias vezes disse que agride qualquer pessoa que o chamar de corno, mas no final fez uma declaração de amor a mulher que o traiu.

Fonte: <http://www.macaraunoticias.com.br/2014/04/corno-fica-furioso-mas-diz-que-ama.html>.
 Acesso em 25 de março de 2016.

O retrato da notícia evidencia, portanto, uma dimensão cômico-violenta, tendo em vista que o acusado se coloca na posição de sujeito *corno*, mas não permite que o contexto social manifeste a rejeição inerente à identidade do *corno*. A atuação violenta emerge como mecanismo de reiteração e ratificação da virilidade, pressuposto da

masculinidade. “Ser um homem de verdade, isso deve se fazer notar: o corpo, a postura, os gestos são mesmo sinais de ostentação, registros de virilidade” (KALIFA, 2013, p. 306), com o propósito último de potencializar o consentimento do espaço masculino e preservar sua permanência no grupo. Assevera Bourdieu (1997, p. 32) que o “privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contenção permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade”. Bourdieu (1997, p. 46) ainda afirma que:

A alienação genérica está na base de seu privilégio específico: os homens são educados no sentido de reconhecer os jogos sociais que apostam em uma forma qualquer de dominação; jogos estes que lhes são destinados, desde muito cedo, e sobretudo pelos ritos de instituição, como dominantes, e dotados, a este título, *da libido dominandi*; o que lhes dá o privilégio, que é uma arma de dois gumes, de se entregarem seguidamente aos jogos de dominação.

O sistema da dominação simbólica não oportuniza a limitação da amplitude das relações de domínio, mas expande o controle aos próprios dominadores. As conjunturas sociais funcionam como sustentáculo que suscita a coação do homem à inscrição na imagem idealizada da masculinidade e possibilita o engajamento com os jogos de poder geridos pelo governo da dominação, como vimos na figura 4. Outro aspecto relevante da Figura 4 emerge através do suporte imagético, tendo em vista que retrata uma oração destinada ao simulacro do *cornos* e, ao lado da foto de seu “Dedé”, representa a face cômico-violenta que configura o entremeio da identidade do homem *cornos*. Dito isto, uma identidade que permite entrever a ausência da identificação e, portanto, sinaliza a diferença, o desprestígio tecido pela ridicularização cômica que atua no reordenamento da hierarquia e ratificação da virilidade através do emprego da força.

Diante desse panorama, vejamos a notícia intitulada “Homem enforca a ex-mulher até a morte por ciúmes e em seguida tira a própria vida” (Figura 5), veiculada no jornal de notícias online “Plantão Policial com Alison Maia”, que retrata a atuação violenta de Francisco Simão Lucas deflagrada contra a ex-mulher Elba Medeiros Silva. O evento noticioso descreve que o acusado estrangulou a ex-mulher após descobrir conversas da vítima com uma amiga. O conteúdo das mensagens evidenciava que Elba tencionava encontrar com outro homem no dia do seu aniversário, período no qual ainda estava casada com Francisco.

No escopo da reflexão tecida acerca do construto cômico-violento que irrompe do simulacro do *cornos*, observamos os atos que configuram o estereótipo do *cornos* como elementos que encerram as virtudes, o prestígio diretamente associado à masculinidade e à virilidade. O princípio da violência suscita a concretização das expectativas socioculturais de restauração do poder e dominação masculina. Dito isto, ato de violência imoderada apresenta, portanto, dois movimentos de relevância para a figura do homem *cornos*, o primeiro, corresponde ao atendimento às disposições sociais de aceitação e identificação, excluindo a possibilidade de se engajar na diferença excludente, e o segundo, se sobrepõe à manifestação do risível e tece o encerramento da zombaria, da ridicularização.

Figura 5 - “Homem enforca a ex-mulher até a morte por ciúmes e em seguida tira a própria vida”



O casal estava junto há pelo menos 10 anos

Na madrugada desta última sexta-feira (11) um homem de 35 anos matou a ex-mulher após encontrar conversas dela com outro homem e em seguida tirou a própria vida em uma residência localizada na avenida Aspirante Mega no bairro Jardim Patrícia na cidade de Uberlândia (544 km de Belo Horizonte). De acordo com a Polícia Militar, após se separar Francisco Simão Lucas teve dificuldade em aceitar o fim do relacionamento e enfrentava um quadro grave de depressão onde já havia feito ameaças contra sua ex-mulher. Sua revolta aumentou quando descobriu que Elba Medeiros Silva de 29 anos tinha uma conversa com sua amiga falando que iria trair Francisco com um rapaz no dia do aniversário dela quando eles estavam juntos. Diante da descoberta Francisco invadiu a casa da ex-companheira e a enforcou até a morte. Antes do suicídio Francisco tirou o print da conversa no Whatsapp e postou no Facebook confessando o motivo de ter cometido o crime. Na rede social ele colocou as conversas dela com outro homem e ainda colocou fotos desse rapaz, que seria o novo namorado de Elba. Em um dos prints das conversas, a mulher escreveu “Meu marido descobriu tudo. Você não vai falar nada. Ele vai publicar tudo no Facebook. Ele tá muito bravo comigo e com você. Ele disse que vai pegar nós dois”. Uma conversa com uma amiga também foi postada onde Elba afirma que iria trair Francisco Lucas no dia do aniversário dela. Em seguida o homem ainda ligou para um amigo dizendo que tinha matado Elba e que cometeria suicídio. Ao desligar o amigo imediatamente acionou a Polícia Militar que ao chegar na residência de Elba encontrou a mulher morta em cima de um colchão que estava no chão e ao seu lado Francisco sentado com um fio de TV a cabo enrolado no pescoço também sem vida. Os corpos foram recolhidos e encaminhados ao Instituto Médico Legal (IML) da cidade. O caso foi registrado pelo Grupo de Prevenção de Homicídios (GPH) que informou que o indivíduo não tinha antecedentes criminais e que mesmo com ameaças Elba não tinha solicitado nenhuma medida protetiva contra o ex-marido.



Ampliar Vídeo

Repórter Cidades / Plantão Policial :: Jerry Mesquita
WhatsApp :: (64) 9297-8263

Fonte: Disponível em: <http://noticiasplantaopolicial.com.br/noticias/homem-enforca-ex-mulher-ate-a-morte-por-ciumes-e-em-seguida-tira-a-propria-vida>. Acesso em 28 de março de 2016.

De acordo com Virgili (2013), a articulação da virilidade com a manifestação da violência materializa consideráveis modificações do século XIX ao XX, tendo em vista que o homem cortejava as demonstrações de brutalidade e, como compensação, todo o repertório de honrarias e ascendência. Com o tempo, as relações de violência abarcaram uma conduta mais seletiva para o emprego do ímpeto viril (KALIFA, 2013). Contudo, para Virgili (2013), o vínculo da representação da masculinidade por intermédio da violência não se dissipou, apesar das progressivas e abrangentes alterações nesse paradigma. Nessa perspectiva, vemos que o acusado pelo crime enfrentava dificuldades em relação à separação e ameaçava a ex-mulher. Segundo Kalifa (2013), a manutenção da sujeição feminina é atributo infligido pela virilidade, portanto, retificar a conduta desviante da mulher é uma prerrogativa indissociável do âmbito da masculinidade.

Segundo Virgili (2013), o exercício da violência não evidenciava uma prática criminosa ou reprovável pelos preceitos sociais. Símbolo de controle, progressivamente a brutalidade se transfigurou em fraqueza. “Mais do que o exercício da dominação masculina, a violência em relação às mulheres manifestaria a inquietação de alguns homens por não poderem exercer esta dominação, e se dirigiria mais ao “si masculino” e aos outros homens do que às mulheres” (VIRGILI, 2013, p. 97). Podemos constatar, assim, que após a consumação do crime, Francisco publicou no facebook as conversas da ex-mulher e, ainda, ligou para um amigo e confessou o delito. O ato de divulgar o diálogo nas redes sociais, bem como de contatar o amigo, evidencia o atendimento aos pressupostos sociais da etiqueta masculina, empregando a limpeza da honra, mesmo desprovido da existência do vínculo conjugal. Nesse sentido, evidencia Kalifa (2013) que exercer a violência contra a mulher é, portanto, uma formalidade coletiva. Nessa perspectiva, corrobora Laraia (2001, p. 24) que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

De acordo com o estudioso, a cultura interfere de modo direcionado, não arbitrário, a partir de pressupostos erigidos pelos próprios aspectos culturais e históricos. Para o autor, a cultura reverbera a essência humana e, suscita, portanto, reflexões proficuas e infundáveis. O fenômeno cultural engendra um complexo

arquétipo de práticas sociais significativas que, desde o nascimento, compelem a criança a assimilar os padrões do contexto sociocultural no qual permanece inserida. A interferência da cultura gerencia a ressonância das instâncias de conduta do sujeito. Para Laraia (2001), assegura um ininterrupto movimento de apropriação inculcado em um processo dinâmico de transmutações e metamorfoses. Mecanismos que encontram vivacidade e legitimação no cenário social, apesar das instâncias de cerceamento e coibição, como a lei Maria da Penha e a lei do Feminicídio. Assim, casos como o de Elba Medeiros Silva retratam a herança do machismo, a cultura do patriarcado.

Gregolin (2003b) assevera que as sociedades são historicamente instituídas sob mecanismos perenes de disciplinarização e controle do corpo, tendo em vista que a engrenagem social se personifica na coação e restrição, portanto, um utensílio passível de modelar. “É dócil o corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado, aperfeiçoado em função do poder” (GREGOLIN, 2003b, p. 99). Sendo assim, muito embora não houvesse nenhum vínculo entre os envolvidos, fica evidente que Francisco se sentiu compelido a atuar de modo a marcar seu posicionamento de homem macho, em oposição ao *cornio*, através da violência e do suicídio. Nesse sentido, alicerçado em instâncias sociais dispersas no cotidiano, portanto, gerada de forma espontânea, a masculinidade dissimula sob o simulacro da honra a subjugação do homem social.

Em relação aos *hiperlinks* da notícia (Figura 5), observamos que proporcionam acesso a reportagem e aos *prints*, ou seja, ao hipertexto, redes de conhecimento que constituem uma linearidade de sentido e contribuem para abarcar da forma mais completa possível o conteúdo expresso na notícia. A autonomia na construção da informação, proporcionada pela hipermídia⁸, engendra o leitor na função de coautoria. “Transitando entre informações modularizadas, reticuladas, as opções de caminho a seguir são de inteira responsabilidade do leitor” (SANTAELLA, 2008, p. 55). O ambiente oportunizado pela cibercultura fomenta a emergência de uma nova relação com o texto e com a construção da própria informação, tendo em vista que o espaço digital, interativo em essência, insere o usuário-leitor no processo de construção dos sentidos. A ascensão do suporte midiático engendra o ambiente do ciberespaço que oportuniza novas abordagens do texto em articulação com o imagético, bem como a aparição de reportagens e outras possibilidades de acesso a conteúdos diversos.

⁸ Segundo Santaella (2008), a hipermídia equivale à combinação de diversos tipos de linguagens (imagens, sons, dados, textos, etc.) no ambiente digital.

3.2 O arquétipo do *cornio*: um construto cômico-violento

Segundo Bergson (1983), a comicidade encontra vivacidade na personificação dos aspectos essencialmente humanos. De acordo com o autor, o riso expressa a função, a significação e os processos da existência social, coletiva e individual, emerge e é genuinamente apreendido no âmbito da sociedade, seu espaço natural. Corrobora Propp (1992) que a comicidade preconiza a participação significativa do componente humano. Para tanto, atribui notoriedade à habilidade de rir e suscitar o riso inerente à inclinação do homem. A conduta risível pressupõe a capacidade naturalmente humana de deflagrar critérios de análise do caráter, bem como a destreza e a perspicácia para constatar o humor, tendo em vista que “o cômico sempre, direta ou indiretamente, está ligado ao homem” (PROPP, 1992, p. 38).

A comicidade e o humor constroem e percorrem caminhos próprios, específicos ao contexto social, cultural, aos mecanismos de produção, instrumentos de emergência e proliferação do risível. Podemos constatar que o humor e a comicidade são intrinsecamente articulados e, ao mesmo tempo, divergentes em essência. O autor define o humor a partir da propensão para apreender e elaborar o cômico, assim, o humor permite vislumbrar, a partir da emergência de defeitos ínfimos proporcionados pelas relações interpessoais, uma essência benigna ancorada na complacência e desprovida de maldade. Em contrapartida, a comicidade configura uma construção maléfica que “costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso” (PROPP, 1992, p. 171).

Nessa perspectiva, o cenário de articulação do corpo social às manifestações humorísticas não oportuniza a eficácia do risível dissociada da época, da cultura, da esfera dos costumes e tradições. O autor delibera que resquícios da conjuntura histórica perpassam o tempo e deflagram a atuação das ações cômicas no presente. Evidencia a ressonância de uma memória ou dinâmica do passado na conduta atual. Para Propp (1992), postuladas “malogro da vontade”, ou para Bergson (1983), a concepção de “automatismo”, essas instâncias de reiteração são exteriorizadas por intermédio da articulação entre estímulos interiores, intrínsecos ao proceder humano, e exteriores, gerados como fundamentos justificadores da conduta social. Isto posto, a identidade do *cornio* emerge como uma construção que subjaz uma memória cômica e humorística à essa figura.

Em conformidade com o trabalho de Propp (1992), os tipos de riso podem ser tipificados em alguns conceitos e atribuições. O riso de zombaria é habitual e relevante, irrompe ao desnudar os defeitos do objeto da irrisão. O riso cínico, por sua vez, reverbera o entusiasmo, o deleite no infortúnio do alvo do escárnio. No riso maldoso, os aspectos distorcidos do caráter humano padecem da elaboração ilusória, falsa e exagerada pautada no sarcasmo, na zombaria. Para Propp (1992), concebido como riso pseudotrágico e/ou tragicômico, o riso maldoso ou cínico é caracterizado pela insensibilidade emocional e intensa habilidade de ridicularizar. Para Bergson (1983, p. 92),

O riso é, antes de tudo, um castigo. Feito pra humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingá-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria seu objetivo se chegasse a marca da solidariedade e da bondade.

Nessa perspectiva, o autor evidencia que a insensibilidade atua como elemento intrínseco à comicidade. Assevera que “o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito” (BERGSON, 1983, p. 8). Os sentimentos deflagrados por intermédio da empatia permitem entrever a sensibilização relativa à conduta humana e a supressão potencial do riso. Propp (1992) explicita que as instâncias do risível suspendem os efeitos cômicos em decorrência de um cenário comovente que atua na sensibilização emocional. A ausência da sensibilização e a manifestação da irrisão instauram a revelia social e, portanto, a rejeição. A inadequação à norma desvela o desvio, o defeito.

A partir das explicações tecidas, observemos a página do jornal online “COAD: notícias confiáveis”, que aborda uma notícia intitulada “Solene corno: juiz nega pedido de indenização a marido traído” (Figura 6). O evento noticioso evidencia o caso do agente da Polícia Federal que acionou a justiça com o intuito de reivindicar, ao amante de sua esposa, uma indenização por danos morais. Nesse contexto, Bergson (1983) ressalta a magnitude do recurso da reincidência humorística da “automação”, anteriormente mencionado, tendo em vista a reiteração da dinâmica social do riso a partir do construto do homem *corno*. O acontecimento suscita um personagem cômico, consolidado nas movências do maquinário imagético e simbólico, um arquétipo naturalizado em nosso cenário sociocultural.

Figura 6 - “Solene corno: juiz nega pedido de indenização a marido traído”

Direito Civil

“Solene corno”: juiz nega pedido de indenização a marido traído
Marido traído processa amante da mulher e juiz chama homem traído de “solene corno”

De vítima de traição conjugal a “solene corno”. O premiado com a honraria é um agente da Polícia Federal que entrou na Justiça pedindo indenização ao então amante de sua mulher.

Em sentença proferida pelo juiz leigo Luiz Henrique da Fonseca Zaidan, da 1º Juizado Especial Cível do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, devidamente homologada pelo juiz togado Paulo Mello Feijó, julgou improcedente a ação do autor, o marido traído.

O caso é simples, ou como prefere o juiz leigo, um caso clássico de traição conjugal: o marido pede à justiça que o amante de sua mulher pague indenização por danos morais decorrentes da traição. Reconhece que, como o adultério já não é crime, só restaria ao traído entrar com ação cível.

Segundo os autos, a relação extraconjugal durou sete meses. Ao descobrir o caso, o policial ameaçou o amante. Com medo, ele denunciou o caso à Corregedoria da Polícia Federal. Na ação, o agente alega que o processo administrativo foi descoberto, e, a partir daí, passou por constrangimentos no seu local de trabalho, onde teve que ouvir piadas de colegas e ganhou o apelido de “corno conformado”.

Pior foi o desfecho na Justiça quando o policial foi obrigado a encarar o teor da sentença. Em um dos trechos o juiz é taxativo: “um dia o marido relapso descobre que outro teve a sua mulher e quer matá-lo - ou seja, aquele que tirou sua dignidade de marido, de possessor e o transformou num solene corno”.

No documento, há ainda citações favoráveis à traição: “hoje, acabam buscando o judiciário para resolver suas falhas e frustrações pessoais. Mas, esquece que ele jogou sua mulher nos braços de outro”.

Passando da teoria geral para o caso concreto, o juiz diz o que acontece com um casal na meia idade, que parece ser o caso do autor e sua mulher: “Com alguns homens, no início da ‘meia idade’, já não tão viris, o corpo não mais respondendo de imediato ao comando cerebral/hormonal e o hábito de querer a mulher ‘plugada’ 24h, começam a descarregar sobre elas suas frustrações, apontando celulite, chamando-as de GORDAS (pecado mortal) e deixando-lhes toda a culpa pelo seu pobre desempenho sexual”.

Para o juiz, seria melhor deixar a Justiça fora disso. Melhor recorrer à literatura, como faz o meritíssimo, e consolar-se com a história de Madame Bovary, clássico da literatura mundial escrito pelo francês Gustave Flaubert, ou perpetuar a dívida semeada por Machado de Assis sobre a honestidade conjugal de Capitu no também clássico Dom Casmurro. E para terminar a história, julga-se improcedente o pedido do autor, que como dito acima, não passa de “solene corno”.

Fonte: <http://www.coad.com.br/home/noticias-detalle/22035/solene-corno-juiz-nega-pedido-de-indenizacao-a-marido-traido>. Acesso 08 de abril de 2016.

Ao julgar improcedente o pedido de indenização do marido traído, o juiz Paulo Mello Feijó se dirige ao agente federal, na homologação da sentença, como “solene corno”. De acordo com o dicionário Online de Português, a palavra “solene” evidencia, entre outros sentidos, que se distanciam do contexto de aparição da notícia em estudo, alguém que está em consonância com a formalidade, segue regras. Dos instrumentos linguísticos que asseguram a emergência do humor, entre outros mecanismos, Propp (1992) elenca a ironia, tendo em vista que desvela a distorção a partir da exibição de aspectos positivos, assim, por intermédio da oposição revela a disformidade e provoca o riso de zombaria, o sarcasmo. Assim, a articulação de um ideário legalista e, portanto, positivo no contexto social, à figura do *corno*, desvela o caráter irônico, cômico que o

lugar social do juiz permite entrever. A sátira emerge como elemento significativo. Acerca desta questão, Propp (1992, p. 211) afirma que:

A sátira age sobre a vontade daqueles que permanecem indiferentes diante desses vícios, ou que fingem não vê-los, ou que são condescendentes, ou mesmo que não sabem nada sobre eles. Ela levanta e mobiliza a vontade de lutar, cria ou reforça a reação de condenação, de inadmissibilidade, de não compactuação com os fenômenos representados e, por isso mesmo, contribui para intensificar a luta para removê-los e erradicá-los.

Para o autor, estritamente vinculado à esfera do cômico, o riso de zombaria, que emerge da presente notícia, engendra a sátira como instrumento basilar e se manifesta como o tipo de riso mais comum no âmbito social. A exteriorização de defeitos a partir de uma qualidade que se opõe em essência, suscita o riso face à concretização do episódio fortuito. Assim, a relevância do mecanismo intitulado “absurdo cômico”, para Bergson (1983), engendra a manifestação social risível, distintiva através da ocorrência do insólito, que (re)conhece na ausência explícita da normalidade o estímulo e promove a emergência da ridicularização, objeto de desprezo que conduz à correção pública, social. Além de “solene corno”, o marido traído recebeu, no espaço de trabalho, o apelido de “corno conformado”, pois não efetuou nenhum ato de violência, apesar de ameaçar o amante de sua esposa. Assim, “o riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre tanto humilhante para quem é objeto dele” (BERGSON, 1983, p. 65).

Na visão do autor, o riso pode “fazer alguém de bobo”. Sendo assim, o marido, motivo de chacota no ambiente de trabalho, iniciou os trâmites judiciais com o intuito de requerer o ressarcimento dos danos causados à honra. Assevera Bourdieu (1997) que a virilidade, “princípio da vulnerabilidade”, pressupõe a soberania em todos os âmbitos da existência social masculina, presente inclusive no fomento das habilidades da agressividade e crueldade que suscitam e ratificam a honra, a transcendência da ordem masculina. Por isso, permite entrever que o espaço destinado ao homem reverbera “manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra” (BOURDIEU, 1997, p. 14). Contudo, a não ratificação da virilidade por intermédio da violência evidencia o rompimento com os pressupostos da masculinidade.

Em consonância com o autor, Kalifa (2013) afirma que para atender à virilidade o homem assume a honradez, a integridade que subjaz os princípios do “código” da masculinidade. Em determinado momento, evidencia o juiz que “aquele que tirou sua

dignidade de marido, de posseiro e o transformou num solene corno”. Assim sendo, a transgressão do sistema, ou do código masculino, pela omissão, inflige retaliação do grupo como indício de censura e rejeição. Para Propp (1992), o riso de zombaria evidencia um sentimento de “fazer justiça”, pois ao desvelar o defeito e fomentar a correção por intermédio do ato de escarnecer, oportuniza o regozijo daquele que se julga superior a partir da contemplação da licitude. Portanto, esse tipo de riso proporciona a “satisfação moral”. Nesse sentido, Propp (1992, p. 173) afirma que:

[...] a primeira condição para a comicidade e para o riso que ela suscita consistirá no fato de que quem ri tem algumas concepções do que seria justo, moral, correto ou, antes, um certo instinto completamente inconsciente daquilo que, do ponto de vista das exigências morais ou mesmo simplesmente de uma natureza humana sadia, é considerado justo e conveniente. Nessas exigências nada há de sublime ou de majestoso, trata-se apenas do instinto do que é certo.

No Portal Itaporanga Notícias, o site do repórter Gonçálinho Rodrigues retrata a manchete intitulada “Itaporanga: agricultor afirma ser corno, e diz que foi aconselhado a matar o amante de sua esposa” (Figura 7). A notícia destaca que um senhor identificado como Carlos, mais conhecido como “Carlão”, procurou a equipe do Portal Itaporanga Notícias para relatar que está sendo traído pela esposa, com quem é casado a mais de vinte anos. De acordo com Carlão, ao retornar para casa após o trabalho, foi abordado pelos vizinhos e informado que estava sendo traído. Ao constatar a veracidade dos fatos através do filho, Carlão pediu que a esposa não terminasse o casamento, e afirmou: “eu amo minha esposa, confesso que sou corno, sei que ela está me traindo, mesmo assim eu não consigo me separar dela, amo ela demais, infelizmente, o amor que eu sinto por ela não é o mesmo que ela sente por mim”.

Figura 7 - “Agricultor afirma ser corno, e diz que foi aconselhado a matar o amante de sua esposa”

IPAPORANGA: AGRICULTOR AFIRMA SER CORNO, E DIZ QUE FOI ACONSELHADO A MATAR O AMANTE DE SUA ESPOSA.

Gonçalinho Rodrigues 16:54 Ipaporanga



Carlão.

05/09/2015: A nossa reportagem foi procurada pelo senhor Carlos, conhecido por Carlão, 52 anos, agricultor, amasiado, residente na Rua Augusto Evaristo, Bairro do Cemitério na cidade de Ipaporanga, onde na ocasião Carlão contou um fato que vem acontecendo com o mesmo. Segundo Carlão, o mesmo é esposo da senhora Antonio, conhecida Toinha, 52 anos, com quem mora a mais de 20 anos, onde desse relacionamento nasceram 3 filhos (1 homem e 2 mulheres) sendo que a filha mais velha do casal tem 18 anos.

O senhor Carlão procurou a nossa reportagem e relatou que vem sendo traído pela sua esposa. Segundo Carlão, o mesmo sai para trabalhar pela manhã e retorna a tarde, porém sempre que chega do serviço Carlão é abordado pelos vizinhos que o procuram para dizer que sua esposa está o traindo. Disconfiado com o alerta dos vizinhos, Carlão relata que pediu ao filho, para ficar de olha na esposa Toinha, e que o filho chegou a presenciar a mãe tendo um caso com o vizinho de nome Antonio da Luiza que reside próximo a casa de Carlão. Após confirmar a traição da esposa, Carlão resolveu fazer um apelo para que a mesma não o abandone, alegando que gosta muito da esposa e não conseguiu viver sem a mesma. Eu amo minha esposa, confesso que sou corno, sei que ela esta me traindo, mais mesmo assim eu não consigo me separar dele, eu amo ela de mais, infelizmente o amor que eu sinto por ela, não é o mesmo que ela sente por min. Disse Carlão lamentando a traição da esposa.

Ainda segundo Carlão o mesmo aceita continuar com a esposa infiel mesmo depois da traição. Carlão aproveitou para pedir ao amante da esposa, o Antonio da Luiza, que o mesmo procurasse se afastar de sua esposa, pois o que ele esta fazendo não é certo.

Carlão disse ainda que por onde passa os vizinhos aconselham para que o mesmo mate o amante de sua esposa, porém Carlão afirma que falta coragem para praticar tal ato, pois o mesmo não quer se envolver com a justiça.

Carlão disse ainda que além de namorar com sua esposa, Antonio da Luiza ainda tem um caso com outra vizinha.

Este Antonio da Luiza deve ser bem docinho pra toda mulher querer ele, não sei o que ele tem que eu não tenho, Disse Carlão a nossa reportagem.

Fonte: <http://ipaporanganoticia.blogspot.com.br/2015/09/ipaporanga-agricultor-afirma-ser-corno.html>.
Acesso em 08 de abril de 2016.

Podemos observar a constituição de um acontecimento fortuito, atípico, que fundamenta sua aparição e ressonância no ambiente digital pela emergência do inesperado. Nesse sentido, corrobora Propp (1992, p. 173-174) que a “condição para que surja o riso é observar que no mundo à nossa volta existe algo que contradiz esse sentido do certo que está dentro de nós e não lhe corresponde”. O cômico deflagra disposições acerca da caracterização coletiva das práticas sociais que exercem, por intermédio do riso, o papel de “gesto social” e tencionam mitigar as especificidades sociais dissonantes. Ratifica Bergson (1983, p. 13) que o riso “obriga-nos a cuidar

imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente”.

Apesar do caso extraconjugal de sua esposa, Carlão deseja continuar com seu casamento e solicitou que o amante se afastasse de sua mulher, tendo em vista que “o que ele está fazendo não é certo”. Nesse sentido, Bergson (1983) explicita que a exteriorização dos defeitos ou desvios provoca o riso na iminência de ridicularizar. Propp (1992) assevera que o sujeito-vítima, objeto da sátira, aparenta não ser o culpado pelo acontecimento que fomentou a comicidade, apesar disso a zombaria se direciona a ele. O marido traído também evidenciou à equipe de reportagem que os vizinhos o aconselharam a matar o amante da esposa, mas afirmou que “falta coragem para praticar tal ato”. Para Kalifa (2013), a masculinidade incita a habilidade corporal, ou seja, a força como fundamento, “é o ‘ato de homem’ por excelência. Mostrar o punho não é apenas uma expressão de potência, é também, e talvez, sobretudo, uma necessidade, uma questão de sobrevivência em um universo social dominado pela violência física” (KALIFA, 2013, p. 308).

No mesmo paradigma de inércia da notícia abordada anteriormente, observamos a constituição de um sujeito ancorado na perspectiva cômica e violenta que se insere *cornos*. Um homem macho se personifica na atuação da força física como força motriz da virilidade e da masculinidade, sua passividade ou abstenção são compreendidas como elemento cômico, tendo em vista que engendra a não ratificação do código masculino. Assim, para Bourdieu (1997), com o intuito de preservar a masculinidade, a figura do homem se inscreve, ou deveria, no ideário da virilidade e objetiva resguardar seu espaço da incursão da mulher, pois “o homem respeitará a palavra dada, ele não “murchará” diante do perigo ou do combate, defenderá seu território (KALIFA, 2013, p. 310). No que concerne ao limiar cômico e/ou violento promovido pelo presente estudo, assevera Propp (1992, p. 160-161) que:

O limite entre as pequenas desgraças, que fazem rir quem as presencia, e as grandes, que já não provocam o riso, não pode ser estabelecido sobre bases lógicas. Ele só é percebido pelo sentido moral. A desgraça dos outros, não importa se pequena ou grande, e a infidelidade alheia podem levar um ser humano árido, incapaz de entender o sofrimento dos outros, a um riso que tem as características do cinismo. Mesmo o simples riso de zombaria não está desprovido de um matiz de maldade.

Além da esposa de Carlão, o vizinho, identificado como Antônio da Luiza, mantém um relacionamento com outra vizinha, também casada. “Este Antônio da Luiza deve ser bem docinho para toda mulher querer ele, não sei o que ele tem que eu não tenho”, disse Carlão para a reportagem do Portal Itaporanga Notícias. Alicerçado nas dimensões de expressão do riso, o eco do riso, por sua vez, inscreve o mecanismo da comicidade no princípio aglutinador do grupo, suscita a convivência do conjunto, da coletividade.

A comicidade pressupõe os princípios da inteligência, a inércia emocional, e a articulação coletiva, que exige a compreensão de mecanismos e circunstâncias socioculturais para provocar o riso. Portanto, “o riso castiga certos defeitos quase como a doença castiga certos excessos, atingindo inocentes, poupando culpados, visando a um resultado geral e não podendo fazer a cada caso individual a honra de examinar em separado” (BERGSON, 1983, p. 93).

Diante das reflexões tecidas, constatamos que o princípio da alteridade governa as relações entre masculino e feminino através de mecanismos de naturalização. Vimos que a conduta violenta se exerce com o intuito de reiterar a virilidade, pressuposto da masculinidade, através da violência imoderada. Verificamos o funcionamento, bem como a articulação cômico-violenta que engendra a identidade do *cornos*, e constatamos que o ideário cômico, humorístico, atua como mecanismo disciplinarizador que por intermédio do riso promove a ridicularização e, portanto, incita a emergência do cenário violento. A identidade do *cornos*, veiculada nas notícias de jornais digitais, permite entrever a circulação de um imaginário social que institucionaliza a violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ordem comunicacional na sociedade contemporânea promove a derrocada das fronteiras e oportuniza a integração mundial, instada pela globalização. Cenário que encontra vivacidade no modelo capitalista de mercado que, no contexto do presente estudo, articulado aos mecanismos midiáticos irrompe como a cultura do espetáculo. No âmbito das pesquisas acerca do discurso, o acontecimento emerge como espaço que mobiliza saberes e poderes. Nessa perspectiva, o instrumento midiático preside a constituição do sujeito discursivo a partir da veiculação de arquétipos, estereótipos que erigem o imaginário social e permitem entrever um arquivo histórico.

Com o objetivo de desvelar a opacidade da linguagem, em consonância com pressupostos sociais, históricos e ideológicos, a AD tenciona as práticas simbólicas que emergem do construto social e oportuniza reflexões acerca da constituição do homem no mundo, do sujeito, com as práticas linguístico discursivas. Para tanto, tecemos considerações sobre os estudos do discurso, edificado na trama dos sentidos e constatamos que o sujeito, entrecortado por condições sociais e históricas, é alicerçado nos movimentos das FI que subjazem os sentidos e a interpretação. Abordamos a noção de FD e a heterogeneidade que a constitui, bem como o mecanismo do interdiscurso, aspecto intrinsecamente articulado à FD, que permite entrever na constituição do espaço histórico, dizeres que evidenciam sua relação com o ideológico, portanto, um processo em permanente (re)organização. A MD considerada como a inscrição do enunciado na história, princípio de ampla relevância no nosso estudo, se constitui como elemento (re)construtor de arquétipos sociais, a partir de um cenário de retomada e (re)inserção de símbolos ratificados pelo circuito coletivo.

A sociedade do espetáculo autogerada pelo modelo capitalista de produção, e articulada à globalização, atua de modo indissociável ao governo da mídia. Diante do exposto, tecemos reflexões sobre as notícias de jornais veiculados na internet, que retratam o arquétipo do *corno*, com o intuito de traçar uma relação menos ingênua no que concerne às relações de poder que irrompem da constituição social dos gêneros. A partir das reflexões suscitadas, constatamos que o discurso midiático se constitui como uma forte presença invasiva que gerencia a (re)produção de identidades exercidas pela cultura do espetáculo. Uma organização espetaculista que encontra dimensões profícuas no ciberespaço. No universo digital, as relações com o texto informativo se manifestam

sob diferentes formas de interação, tendo em vista a dinamicidade proporcionada pelo suporte. Assim, considerando que a dominação masculina agencia sua ratificação através das relações de poder erigidas no âmbito social, as notícias que retratam a figura do *cornio* evidenciaram que a mídia articula sob o espetáculo a identidade cômico-violenta, que impera através da imagem simbólica do homem traído.

Discutimos questões relativas à identidade e pontuamos que a sociedade atual fomenta a incursão do sujeito em identidades diversas, embates que geram a crise identitária e processos de identificação que se coadunam sob a utopia da completude. Abordamos as noções de identidade e diferença como princípios interdependentes, evidenciando que a diferença marcada no contexto do homem *cornio*, remete ao construto identitário dominante, ou seja, a identidade de homem macho. A identificação promove a aceitação do circuito social, a diferença, por sua vez, desencadeia represálias que são erigidas e ratificadas. Assim, o homem *cornio* rodeado pelo imaginário social da não correspondência à ordem da dominação é instado, pela ridicularização, a restituir a ordem hierárquica que rege o funcionamento da sociedade e ideário pelo qual o homem é movido a preservar desde a infância sob mecanismos de diferenciação dos gêneros e noção de naturalidade.

Delineamos as relações de poder que se exercem na categorização antagônica dos gêneros. Diferenças constituídas pelos aparelhos sociais, a família, a escola, a cultura, que infligem à figura feminina a atribuição única de ratificar a supremacia masculina através da virgindade e fidelidade. À figura masculina, a honra e a virilidade são elementos norteadores e se evidenciam como movimentos que ancoram a sobrevivência, bem como os princípios que agregam grandeza ao ideário masculino.

A virilidade incita, sob a noção de coragem e honra, as práticas da agressividade. Nessa perspectiva, mobilizamos estudos da AD de tradição francesa, as pesquisas de âmbito cultural, de gênero e da comicidade com a finalidade última de produzir uma pesquisa que discutisse a transitoriedade cômico-violenta que se constitui na identidade do *cornio*. Evidenciamos que a composição cômica e humorística articulada a essa figura remete a uma representação, um imaginário social, que permanece em dissonância com as práticas da honra e da virilidade. Portanto, a reiteração do viril perpassa pela brutalidade e intenta engajar a conduta desviante da mulher no âmbito da sujeição, da inferioridade.

Dito isto, observamos ao longo do percurso de estudo traçado que o risível percorre caminhos que se constroem de acordo com os atributos culturais do contexto de emergência. Mecanismos de disciplinarização do aparato social que são deflagrados pela reiteração de dinâmicas norteadoras da conduta coletiva através do riso. Assim, vimos que o riso irrompe como movimento de correção e exige a insensibilidade emocional, instrumento de revelia social que promove a rejeição à inadequação ou desvio. No que concerne, ainda, aos eventos noticiosos em abordagem na pesquisa, constatamos que o risível se instala a partir do construto insólito oportunizado pelas ações descritas. Portanto, o retrato cômico-violento do homem *cornos*, nas manifestações midiáticas, transita entre a posição cômica que configura um índice de reprovação da coletividade, e a violenta gerada através da ridicularização, imposta pelo riso.

Com as reflexões suscitadas pelo nosso estudo, almejamos que as contribuições sejam profícuas, tendo em vista que investigamos, também, a constituição da identidade cômico-violenta que caracteriza o simulacro da figura do *cornos* a partir do aspecto espetaculista promovido pela instância midiática, que reverbera a construção do imaginário social e, portanto, incita pela ridicularização, que coage, atos de violência imoderados. Conduta violenta que tenciona o movimento de (re)organização da ordem da dominação masculina, como também da submissão feminina. Discutimos como a figura do homem *cornos* é estabelecida no cenário contemporâneo, partindo da versatilidade proporcionada pelo suporte digital para tecer considerações acerca da cultura do espetáculo e da formação de identidades.

Esperamos que a nossa pesquisa contribua com as discussões que cercam os estudos de gênero, ratificando a relevância de refletir sobre as relações de poder que alicerçam o movimento de hierarquização dos gêneros. O cenário verificado em nossa pesquisa evidencia a relevância das discussões acerca da cultura patriarcal. Assim, acreditamos que refletir é o primeiro passo para a efetivação de mudanças concretas.

Referências

- BARBOSA, Pedro L. N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003, p. 111-124.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 189-220.
- BAUMAN, Zygmunt. Depois da Nação-estado, o quê? In: BAUMAN, Z. **Identidade: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a, p. 63-84.
- BAUMAN, Zygmunt. Introdução. In: BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b, p. 6-50.
- BAZZA, Adéli B. PASSETTI, Maria C. C. Identidades do masculino no humor. In: TASSO, I. NAVARRO, P. (Orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá, PR: EDUEM, 2012, p. 209-230.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.
- CHAUI, Marilena de S. A concepção marxista de ideologia. In: CHAUI, M. S. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 33-125.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. et al. (Orgs.). **O papel da memória**. São Paulo: Pontes, 2007, p. 23-32.
- DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. In: DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 167-237.
- DIONÍSIO, Ângela P. Multimodalidade, convenções visuais e leitura. In: DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Multimodalidade e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Pernambuco: Pipa comunicação, 2014, p. 41-69. (Série experimentando teorias em linguagens diversas).
- FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FONSECA-SILVA, Maria da C. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, M. C. POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007a, p. 11-37.

FONSECA-SILVA, Maria da C. Escola francesa de análise de discurso: construção, desconstrução e reconfigurações. In: FONSECA-SILVA, M. C. **Poder-saber-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007b, p. 77-113.

GREGOLIN, Maria do R. V. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, M. R. V. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz, 2003a, p. 9-17.

GREGOLIN, Maria do R. V. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz, 2003b, p. 95-110.

GREGOLIN, Maria do R. V. Discurso, história e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, M. C. POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007, p. 39-60.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensaio**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006a.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2006b, p. 103-133.

KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas. In: CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 302-331.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MITTMANN, Solange. Redes de ressignificações no ciberespaço. In: ROMÃO, L. M. S. GASPAR, N. R. (Org.). **Discurso midiático**: sentidos de memória e arquivo. Rio de Janeiro: Pedro e João Editores, 2008, p. 113-130.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. Análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F. FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos, SP: Claraluz, 2007a, p. 75-88.

ORLANDI, Eni P. Entremeio e discurso. In: ORLANDI, E. P. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. São Paulo: Pontes, 2007b, p. 23-35.

ORLANDI, Eni P. O sujeito discursivo contemporâneo. In: INDURSKY, F. FERREIRA, M. C. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, SP: Claraluz, 2007c, p. 11-20.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimento**. São Paulo: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Orgs.). **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 49-56.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. São Paulo: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise de discurso: as três épocas (1983). In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. São Paulo: Editora Unicamp, 2010, p. 307-315.

PIMENTA, Ângela. Há luz no fim do túnel dos jornais impressos? In: **Observatório da imprensa**, 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ha-luz-no-fim-do-tunel-dos-jornais-impressos/> (Acesso em 25 de março de 2016, às 23:38 hs).

POSSENTI, Sírio. Humor e acontecimento. In: POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 27-38.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

ROMÃO, Lucília M. S. FERRAREZI, Ludmila. O sujeito e a tessitura dos sentidos no discurso jornalístico. In: ROMÃO, L. M. S. GASPARG, N. R. (Orgs.). **Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2008, p. 23-37.

SANTAELLA, Lucia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **[re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 47-72.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p. 73-102.

TENREIRO, Carlos A. F. Tecendo o discurso. In: INDURSKY, F. FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Michel Pêcheux e análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos, SP: Claraluz, 2007, p. 275-280.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: CORBIN, A. COURTINE, J. VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 82-115.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p. 7-72.